

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

AGATHA MESCOLOTTI DANELON

**ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES JUVENIS EM PRODUÇÕES MIDIÁTICAS E TELEVISIVAS
DA ATUALIDADE**

Uberlândia

2026

AGATHA MESCOLOTTI DANELON

ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS
REPRESENTAÇÕES JUVENIS EM PRODUÇÕES MIDIÁTICAS E TELEVISIVAS DA
ATUALIDADE

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves Junqueira

Uberlândia

2026



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Ciência Sociais				
Defesa de:	INCIS31801- Trabalho de Conclusão de Curso II				
Data:	22/04/2026	Hora de início:	16:00	Hora de encerramento:	17:56
Matrícula do Discente:	12211CCS029				
Nome do Discente:	Agatha Mescolotti Danelon				
Título do Trabalho:	Entre a realidade e a ficção. Uma reflexão acerca das representações juvenis em produções midiáticas e da atualidade televisivas				

A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	(X) Sim () Não
--	----------------------

Reuniu-se na sala 235 - Bloco 1H, Campus Santa Mônica, a Banca Examinadora de defesa de INCIS31801 Trabalho de Conclusão de Curso II assim composta: Profa. Dra. Gabriela Gonçalves Junqueira - INCIS/UFU (Orientadora da candidata), Profa. Dra. Marili Peres Junqueira - INCIS/UFU e Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza -INCIS/UFU. Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Profa. Dra. Gabriela Gonçalves Junqueira apresentou a comissão examinadora e agradeceu a presença do público. Após os agradecimentos concedeu a discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme às normas do Curso.

A seguir o(a) senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

(X) Aprovada com nota 100,0.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Gonçalves Junqueira, Professor(a) Substituto(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marili Peres Junqueira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Ferreira de Souza, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2026, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7212691** e o código CRC **59BA7651**.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à minha família. Portanto, agradeço ao meu pai e à minha mãe, Henrique e Marina, por sempre me incentivarem a ir muito longe de casa, para onde eu quisesse. Agradeço à minha irmã, Sophia, por ter sido o meu apoio nos dias mais difíceis, mesmo ocupada com seus próprios dramas juvenis. Agradeço à tia Luciana, ao tio Márcio, à Natália, ao Guilherme e à Gabriela, que me acolheram tão bem durante toda a minha graduação e tornaram a vida em Uberlândia muito melhor do que seria se eu tivesse vindo sozinha. Agradeço às minhas avós, que sempre zelaram pela minha proteção e acreditaram que tudo daria certo para mim desde o princípio. E agradeço ao meu bem, Ana Carolina, por me apoiar, desde o começo, a mudar de estado e a cursar Ciências Sociais, mesmo sabendo que a vida nunca mais seria a mesma. Muito obrigada por todo o apoio, sempre: pelos conselhos, abraços, conversas, longas discussões, celebrações de pequenas conquistas, pela influência silenciosa no meu trajeto acadêmico, pela insistência em me formar e pela oportunidade que todos me proporcionaram, em maior ou menor instância, de apenas me dedicar ao estudo durante toda a graduação.

Agradeço profundamente a todas as amizades que carrego comigo, as que já tinha cultivadas quando cheguei e as que construí ao longo da graduação. Às que trouxe comigo, muito obrigada pelo apoio à distância, pelos encontros sazonais, pela confiança em mim e por me permitirem continuar em suas vidas – com a promessa de que logo eu estaria perto outra vez. Às que fiz durante a faculdade, muito obrigada pela companhia constante, pelas conversas sinceras, pelos passeios esporádicos, pelas rodas de fofoca, pelas palavras amorosas, pelos surtos compartilhados e por me permitirem adentrar em suas vidas de maneira tão singela.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves Junqueira, pela companhia, pelas orientações e pelos conselhos acerca deste trabalho, mas, também, por todos os momentos no período do Pibid Sociologia-Filosofia. Agradeço à Prof.^a M.e Leidiane Lobo Albernaz e à Escola Estadual de Uberlândia, pelo apoio tanto no exercício deste trabalho quanto durante o Pibid. Agradeço ao Instituto de Ciências Sociais e ao seu corpo docente pelo suporte durante toda a graduação, pela minha boa formação e por todas as experiências para além da universidade, as quais levarei comigo sempre. Agradeço aos trabalhadores das secretarias, da limpeza, da segurança, da biblioteca, do restaurante e dos demais cargos existentes, por serem a base do funcionamento da universidade. Por último, porém não menos importante, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia pelo acolhimento, pelo suporte institucional e pela oportunidade de me graduar com tanta excelência.

RESUMO

O presente trabalho visa a estudar a maneira com que as produções midiáticas audiovisuais (como filmes, novelas e séries de TV e/ou *streaming*) destinadas a um público jovem abordam e representam o período da adolescência (dos 12 aos 18 anos, mais especificamente) com as narrativas de seus personagens principais. Para tal, foi realizada uma roda de conversa com uma turma de estudantes do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Uberlândia, a partir de um roteiro de perguntas pré-definidas e da amostragem de duas cenas de séries juvenis, sendo uma *Euphoria* (2019) e a outra *Heartstopper* (2022), respectivamente – na intenção de compreender a juventude pela própria juventude. Então, partindo das informações recebidas ao longo da roda de conversa, este trabalho se sucede comparando as narrativas de ambas as séries e a definição do ser jovem/ser adolescente pela concepção única dos estudantes, sob o intuito de entender o nível em que essas séries representam jovens reais. Por fim, trata-se de um trabalho inicial acerca do assunto e que, apesar de haver uma conclusão sobre os pontos apresentados, não chega a esgotar tudo que ainda há para se pesquisar e discutir sobre representatividade, identidade e juventude.

Palavras-chave: juventude; adolescência; produções midiáticas; escola; trabalho.

ABSTRACT

This study aims to examine how audiovisual media productions (such as films, soap operas, and TV and/or streaming series) aimed at a younger audience address and represent adolescence (specifically from 12 to 18 years old) through the narratives of their main characters. To this end, a discussion was held with a class of 3rd-year high school students from the *Escola Estadual de Uberlândia*, using a pre-defined set of questions and sampling two scenes from youth series, one from *Euphoria* (2019) and the other from *Heartstopper* (2022), respectively – with the intention of understanding youth through the lens of youth itself. Based on the information gathered during the discussion, this work compares the narratives of both series and the students' unique definition of being young/being an adolescent, in order to understand the extent to which these series represent real young people. Finally, this is initial work on the subject and, although there is a conclusion on the points presented, it does not exhaust everything that still needs to be researched and discussed about representation, identity, and youth.

Keywords: youth; adolescence; media productions; school; work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Poster de <i>Euphoria</i>	28
Figura 2 — Notícia retirada de Veja	30
Figura 3 — Notícia retirada de Vogue Portugal.....	30
Figura 4 — Notícia retirada de Maloca Digital.....	30
Figura 5 — Notícia retirada de Persona Jornalismo Cultural.....	31
Figura 6 — Comentário de rede social sobre <i>Euphoria</i>	31
Figura 7 — Comentário de rede social sobre <i>Euphoria</i>	32
Figura 8 — Comentário de rede social sobre <i>Euphoria</i>	32
Figura 9 — Poster de <i>Heartstopper</i>	33
Figura 10 — Notícia retirada de TAG Revista.....	36
Figura 11 — Notícia retirada de Cromossomo Nerd.....	37
Figura 12 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	37
Figura 13 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	37
Figura 14 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	38
Figura 15 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	38
Figura 16 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	38
Figura 17 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	39
Figura 18 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	39
Figura 19 — Comentário de rede social sobre <i>Heartstopper</i>	40
Figura 20 — Momento da festa em que Jules está bebendo	41
Figura 21 — Momento em que Rue e Lexi estão conversando	42
Figura 22 — Momento em que Rue e Lexi falam de Jules	42
Figura 23 — Festa em um panorama geral	43
Figura 24 — Charlie esperando para entrar na festa	44
Figura 25 — Charlie procurando Nick pela festa.....	44
Figura 26 — Poster de <i>Segunda Chamada</i>	51
Figura 27 — Título de matéria do PNAD Contínua.....	54
Figura 28 — Conversa entre Maicon, Natasha e Gislaine	55
Figura 29 — Conversa entre Maicon, Natasha e Gislaine	55
Figura 30 — Maicon, Natasha e Gislaine.....	56
Figura 31 — A queda de matrículas anuais no EJA ao longo de 12 anos.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O QUE É A JUVENTUDE, AFINAL: UMA BREVE DEFINIÇÃO DE UMA JUVENTUDE PRÁTICA <i>VERSUS</i> A DEFINIÇÃO DE UMA JUVENTUDE TEÓRICA..	13
3 <i>EUPHORIA & HEARTSTOPPER</i>: MANEIRAS DE REPRESENTAR A ADOLESCÊNCIA?	27
4 INÚMERAS FORMAS DE JUVENTUDE: <i>SEGUNDA CHAMADA</i> ENQUANTO TERCEIRO PONTO DE VISTA.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Início explicitando que este trabalho de pesquisa científica parte, em seu princípio, de um incômodo pessoal que tenho desde meados da minha adolescência, período em que comecei a tomar mais consciência da realidade em que estava inserida – e não apenas eu, mas aqueles que eu conhecia também. Por conta dessa “tomada de consciência”, passei a perceber diversas situações em meu entorno com um olhar mais crítico, ainda que sem as ferramentas sociológicas necessárias para tal, tornando-as meus “objetos de estudo” particulares. Nesse sentido, em um aspecto geral, o incômodo com que trabalharei por agora é a representatividade de adolescentes nas mídias atuais: como ela acontece e quais são as suas consequências sociais.

Quando penso em adolescência, rapidamente me recordo dos filmes, seriados e novelas que assisti ao longo da vida, desde a infância até o presente momento, que não somente contêm personagens adolescentes em sua trama como, além disso, são direcionados especificamente ao público adolescente – ou, ainda, são muito consumidos por adolescentes, mesmo sendo para o público jovem adulto. Um exemplo desse tipo de produção midiática do qual consigo me recordar é o filme *Meninas Malvadas* (2004), que é assistido tanto por meninas quanto por mulheres adultas até os dias atuais, mas é majoritariamente voltado para o público adolescente e feminino. Esse filme, tal como diversas outras obras, trata de uma dramatização da realidade adolescente baseada em questões políticas, sociais e culturais de onde a história se passa, que podem ou não abarcar a realidade do jovem telespectador que a está assistindo. No meu caso, em diversos momentos me identifiquei apenas parcialmente com os personagens adolescentes: às vezes com seus problemas familiares; outras vezes com seu círculo social e assim em diante, a depender da obra. Conforme conversava com meus amigos, colegas e familiares, percebia o mesmo padrão: parecia nunca haver uma representação ideal de adolescente/jovem adulto na mídia popular, independentemente de qual fosse.

Sendo assim, tornou-se impossível não me questionar sobre a maneira com que a juventude era representada em produções midiáticas destinadas, justamente, à parcela mais jovem da população global: será que a realidade era daquela maneira, conforme o filme mostrava, ou será que era apenas uma ideia de como a realidade deveria ser? E será que essa representação realmente influencia as pessoas que a assistiam? Então, foi com esse pensamento que tracei a ideia do que pesquisaria e de como meu trabalho seria feito: primeiro eu conversaria com adolescentes, para entender como estes compreendem a fase da vida em que estão; depois, eu analisaria algumas produções para o público jovem e compararia com o que foi dito pelos adolescentes com quem conversei – desse diálogo sairiam as respostas aos meus

questionamentos. Para tal, logo no início deste trabalho defini que meus interlocutores seriam estudantes de ensino médio da Escola Estadual de Uberlândia (doravante E.E. Uberlândia) – na qual atuava enquanto integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) – e que as produções a serem analisadas seriam as séries de streaming *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022)¹.

A escolha das séries foi determinada devido à repercussão destas pela crítica geral de seus espectadores, a partir da ideia difundida de que tanto adolescentes quanto jovens adultos consumiam ambas (independentemente da classificação indicativa), e da compreensão de que as duas tratavam sobre questões semelhantes em suas tramas: problemas familiares, questões psicológicas, relacionamentos românticos, formas de violência, gênero e sexualidade. Apesar de terem narrativas distintas, observei que, em ambos os casos, havia uma grande aceitação do público em relação aos personagens principais e às problemáticas a serem desenvolvidas na história. Ainda, *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022) tinham o mesmo propósito: representar a juventude de seu tempo de uma maneira mais realista do que as demais produções haviam feito até então. Entretanto, para minha surpresa (que expressarei mais à frente, nas próximas seções), os estudantes de ensino médio da E.E. Uberlândia me pontuaram (durante uma roda de conversa) que nenhuma das séries os representava de fato, e foi a partir dessa informação que pautei o meu trabalho.

Portanto, dividi a pesquisa em mais três seções, para além desta introdução. Na segunda, “O que é a juventude afinal: uma breve definição de uma juventude prática *versus* a definição de uma juventude teórica”, apresento com mais detalhes quem são os meus interlocutores – um perfil geral traçado da turma, visto que o objetivo não é compreender especificamente quem são esses jovens adolescentes –, como e por que foi realizada uma roda de conversa; como as categorias infância, adolescência e juventude estão definidas em dicionários e textos sociológicos; e como os próprios adolescentes definiram a ideia geral de juventude a partir de suas vivências. Na terceira, “*Euphoria & Heartstopper*: maneiras de representar a adolescência?”), apresento os seriados analisados, suas repercussões no meio digital, de que modo foram levados à roda de conversa, quais foram as problemáticas levantadas pelos estudantes acerca dos personagens e qual seria, portanto, uma boa representação dessa fase dentro de séries, filmes e novelas. Por fim, na quarta, “Inúmeras formas de juventude”,

¹ Deste momento em diante, ao longo de meu trabalho, permanecerei utilizando os títulos originais de ambos os seriados, devido ao fato de que são popularmente conhecidos por seus títulos em inglês e de que não há tradução para o termo *Heartstopper* – que se assemelharia a ideia de “algo que para os batimentos cardíacos”. Portanto, para uma melhor identificação durante a leitura, sigo com os nomes originais das duas obras.

apresento a série *Segunda Chamada* (2019), mencionada pelos estudantes, durante a roda de conversa, enquanto uma representação mais fiel de suas vivências, e discorro sobre as ideias de representação da adolescência em diferentes contextos e como isso impacta a própria percepção social acerca da juventude.

Ademais, é válido evidenciar que a minha proposta inicial para a pesquisa estava mais conectada com a questão da hipersexualização do corpo adolescente nas produções midiáticas, e foi com essa ideia que adentrei na sala de aula para a roda de conversa. Porém, no meio do percurso, deparei-me com uma questão que ainda não havia refletido e que foi pontuada pelos estudantes: a falta de representação de jovens estudando, trabalhando e realizando cuidados domésticos enquanto parte intrínseca da rotina. Contudo, mesmo que não fosse a minha proposta inicial, o problema da representação juvenil e adolescente em obras audiovisuais diversas (mas, principalmente, estrangeiras à realidade brasileira) segue latente: ora sobre a escolha do elenco, ora sobre a narrativa, ora sobre os personagens principais e suas tramas. Enfim, ainda há muito o que debater a respeito do ideal de juventude previsto e da juventude como está dada, de forma concreta, e de como os próprios jovens consomem e se impactam por suas representações dentro da mídia de um modo geral.

2 O QUE É A JUVENTUDE, AFINAL: UMA BREVE DEFINIÇÃO DE UMA JUVENTUDE PRÁTICA *VERSUS* A DEFINIÇÃO DE UMA JUVENTUDE TEÓRICA

O meu contato com adolescentes no período da graduação começou logo cedo, visto que um mês depois de ter ingressado me inscrevi no Pibid – regido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – e passei na primeira chamada, no subprojeto Filosofia/Sociologia, o que me inseriu de volta à escola, cerca de um ano após ter concluído o ensino médio, e me permitiu uma interação com adolescentes, diferente do que eu já havia vivenciado, pois, agora, eu era uma espécie de “mentora” na escola (em conjunto com a minha equipe da época), mas, além disso, uma figura com mais autoridade do que os estudantes, que estava disposta a os ouvir e que os compreendia mais do que o restante do corpo pedagógico – ao menos esses foram os relatos mais comuns que eu e meus colegas ouvimos durante os 18 meses do programa. E foi, justamente, o contato cotidiano com esses estudantes que me motivou, ainda mais, a tornar o meu incômodo pessoal com a representatividade adolescente na mídia em tema de alguma pesquisa que pretendia ainda fazer, talvez no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois as conversas com eles, desde aquela época, já me mostravam que o tema poderia ser um problema muito maior do que apenas um incômodo infundado da minha parte.

Nesse período, eu atuava na Escola Estadual Teotônio Vilela, sob a supervisão da professora Gabriela Gonçalves Junqueira e a coordenação da professora Maria Lúcia Vannuchi e do professor Fábio Coelho da Silva, e todo o contato que tive com o ambiente escolar e com os estudantes de ensino médio foi proporcionado pelo Pibid. Então, quando completaram os 18 meses de programa, encontrei-me resolvida a fazer um TCC sobre adolescência e, ainda, a ingressar novamente no Pibid para continuar o contato com a escola – já que, agora, tinha me decidido também por seguir a carreira docente quando me graduasse, e a vivência escolar sempre foi muito proveitosa para mim, antes mesmo de os estágios supervisionados começarem. Nesse sentido, quando iniciei a minha pesquisa e escrita para esta monografia, estava atuando na E. E. Uberlândia, no subprojeto Ciências Sociais, sob a supervisão da professora Leidiane Lobo Albernaz e a coordenação da professora Maria Lúcia Vannuchi (que se retirou do cargo posteriormente, sendo substituída pela professora Marili Peres Junqueira) e do professor Luciano Senna Peres Barbosa, o que me proporcionou novas experiências, perspectivas e possibilidades a respeito da escola, tanto sozinha quanto com a minha equipe de trabalho – inclusive a de realizar uma roda de conversa com estudantes do ensino médio, apesar de não ter vínculo algum ao projeto, uma ideia sugerida e impulsionada pela minha orientadora assim que apresentei as meus objetivos iniciais.

Desse modo, para prosseguir com a pesquisa que estou propondo, primeiro é preciso definir o que é a juventude da atualidade, como estão apresentadas as categorias sociais de “criança” e “adolescente”, de “infância” e “adolescência” e outras categorias que dialogam diretamente com estas. Porém, para este trabalho, não bastava que a definição de juventude fosse da perspectiva teórica: ela precisava ser prática e cotidiana também, declarada pela própria juventude que me coloquei a estudar. Para tal feito, foi realizada uma roda de conversa com uma turma de terceiro ano do ensino médio da E.E. Uberlândia, sob a supervisão da professora Leidiane, durante as aulas de Sociologia e, a partir desse diálogo, uma análise da definição de juventude, de modo geral, dada pelos discentes. Descrevendo melhor os estudantes com quem conversei: tratava-se de uma turma pequena, com cerca de 20 alunos, dividida quase igualmente entre meninos e meninas (ainda que, no dia, estivessem presentes mais meninas), com idade variando entre 17 e 18 anos, além de uma quantidade semelhante entre pessoas brancas, pretas e pardas, ademais todas atravessadas pela classe trabalhadora: mais da metade da turma precisou sair mais cedo para ir trabalhar após a aula.

Nesse aspecto, é válido pontuar que a sugestão de montar uma roda de conversa partiu de minha orientadora desde o primeiro momento em que apresentei a ideia deste trabalho. No começo, quando pensei no que gostaria de pesquisar, logo minha orientadora me apontou um problema: como eu falaria de adolescência sem conversar, de fato, com jovens adolescentes? E, ainda, surgiu outro questionamento: se eu fosse falar com adolescentes, como falaria com eles? Portanto, uma roda de conversa (com estudantes do ensino médio, pela facilidade proporcionada pelo Pibid) surgiu enquanto pontapé inicial da minha pesquisa, porque seria um meio de abordar os tópicos específicos de meu interesse sem espantar, chocar ou afastar essa juventude que pretendo compreender.

Assim, a roda de conversa se apresentou como mais do que uma simples ferramenta de pesquisa: como um meio de diminuir a distância entre o professor e os estudantes – ou, no meu caso, da pesquisadora e de seus interlocutores –, colocando-os no mesmo patamar e aproximando as relações sociais que se constroem dentro da sala de aula; como consequência, é possível colher informações que a dinâmica tradicional de uma sala de aula (professor em pé e estudantes sentados) não permite, por mais aberto que seja o diálogo entre as partes. Trata-se, então, de uma ferramenta pedagógica que promove, ao mesmo tempo, um exercício de escuta, de participação e de reflexão do estudante em relação aos seus próprios pensamentos e, também, às exposições de seus colegas acerca do assunto abordado. Em “Roda de Conversa: um Instrumento Metodológico Tecnológico-Formativo-Coletivo na Pesquisa em Educação”, Priscila Borges Ribeiro Oliveira e Renata Prenstteter Gama (2024) pontuam o seguinte:

A Roda de Conversa consiste, portanto, em um método de participação dialógica e coletiva, em torno de um determinado tema, pelo qual sujeitos se expressam e escutam seus pares e a si por meio da ação reflexiva. Um dos objetivos previstos é o de socializar saberes e implementar a troca de experiências por meio da conversa entre os participantes, na perspectiva de construir e reconstruir novos saberes sobre a temática proposta (Oliveira; Gama, 2024, p. 5).

Dessa forma, a roda de conversa apresentou-se como o caminho ideal para abordar os estudantes, pois eu me colocaria na “mesma posição” que eles (ao menos fisicamente, já que estaríamos sentados em roda) e obteria as respostas às minhas perguntas através do diálogo, sem a imposição de uma participação ativa ou a seriedade de um questionário para que preenchessem – ainda que a roda tenha sido orientada por um breve roteiro que elaborei, conforme apresentarei no próximo parágrafo –, havendo, assim, maior possibilidade para um retorno mais sincero, sensível e direto por parte dos estudantes sobre a ideia de adolescência e juventude através de seus próprios pontos de vista.

Diante do exposto, para a roda de conversa propriamente, foram separadas duas cenas a serem exibidas para a turma, a primeira de *Euphoria* (2019, *The Next Episode*, 15min-16min17s), e a segunda de *Heartstopper* (2022, *Kiss*, 4min50s-6min40s). A partir dessas cenas foi elaborado um roteiro com dez questões ao todo, a fim de guiar todo o debate, sendo estas:

- 1- Como vocês definiriam suas juventudes, de modo geral?
- 2- Vendo da infância até agora, vocês se sentem representados(as) na TV? Se sim ou se não, por quê?
- 3- Como vocês definiriam o que é ser criança? Quais coisas vocês acham que marcam o período da infância, de forma geral?
- 4- Como vocês definiriam o que é ser adolescente? Quais coisas vocês acham que marcam o período da adolescência, de forma geral?
- 5- A partir da imagem das personagens de *Euphoria*, que mensagem vocês acham que elas querem passar?
- 6- A partir da imagem das personagens de *Heartstopper*, que mensagem vocês acham que elas querem passar?
- 7- Vocês se veem usando essas roupas das séries? Por quê?
- 8- Quantos anos vocês acham que as personagens têm, a partir da aparência? E o elenco de cada série?
- 9- Como seria uma representação mais realista destas personagens, na sua opinião? Por quê?

10- Vocês acham que estas personagens, tanto de *Euphoria* quanto de *Heartstopper*, mais próximos da imagem da criança ou do adulto? Por quê?²

A princípio, a dinâmica teria a duração total de 50 minutos, contando com a apresentação das cenas e a discussão, porém, por conta da disponibilidade da professora Leidiane, pôde durar 90 minutos (dois horários) – tendo uma parte acontecido na primeira aula (terceiro horário) de 50 minutos, e a outra na segunda aula, de 40 minutos (sexto horário). Entretanto, apesar da aparente longa duração e da boa experiência que fora a roda de conversa, consegui fazer apenas as questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 10 durante toda a discussão, pois a explicação inicial para a turma, a organização dos estudantes, a transmissão das cenas e a própria reverberação inicial da conversa levaram mais tempo do que o calculado, resultando nas questões 7, 8 e 9 terem sido respondidas de forma indireta ao longo dos 90 minutos. Todavia, de forma alguma eu retiro o quão essencial para mim, pessoalmente, e para a minha pesquisa foi realizar essa atividade com os adolescentes.

Nesse contexto, após mostrar as cenas selecionadas de *Euphoria* (2019) e de *Heartstopper* (2022) para a turma e realizar a roda de conversa, a concepção que adquiri da discussão foi de que, de forma generalizada, a juventude é um período muito difícil, por se tratar, justamente, de uma fase de constante mudança em diversos aspectos da existência humana – seja emocional, biológica, intelectual, social ou cultural. Para além, é o momento em que o indivíduo, mesmo com pouca idade, passa a lidar com as obrigações e decisões que lhe dizem respeito – que são atribuídas conforme sua rotina estabelecida e seus desejos futuros –, enquanto descobre os próprios gostos, constrói o próprio senso crítico, define um possível caminho a trilhar e, ainda, questiona-se sobre todas essas mudanças – se elas estão dentro do que a sociedade define como padrão, se serão socialmente aceitas.

Assim, muito por causa de filmes e seriados voltados para o público jovem, toda a ideia de juventude, que aborda o período entre o final da adolescência e o início da vida adulta, é apresentada como um momento de autodescoberta, liberdade e autonomia plena, em que o indivíduo viverá “os melhores e mais inesquecíveis momentos de sua vida” – como ter uma mudança completa de visual, diversos relacionamentos românticos, tirar a carteira de motorista, experiências sexuais variadas, fazer muitas amizades, escolher a carreira ideal e perseguir seus sonhos. Entretanto, quando se depara com a realidade concreta, muito mais complexa nesse

² Adiciono que, apesar de a minha intenção inicial com este trabalho ter sido seguir com as perguntas do roteiro, esse não foi o resultado obtido durante a prática: houve perguntas que não foram feitas, perguntas que não obtiveram muito retorno dos estudantes, perguntas com boa repercussão na turma e perguntas que sequer tinham sido pensadas, mas que surgiram durante o debate (na fala dos estudantes, nas minhas e, até, a partir de perguntas já feitas).

momento do que na infância, em que não havia ainda essa percepção de mundo mais ampla, há um tremendo choque entre as expectativas criadas e a realidade que precisará ser enfrentada – é desse choque que surgem as frustrações gerais com a vida, os momentos de rebeldia e os conflitos familiares, tão comuns na adolescência, porque se perde uma parte da imagem construída a respeito dessa transição para a fase adulta.

Em outros termos, segundo o que meus interlocutores me disseram³, a adolescência é complexa por se tratar do período em que toda a noção de realidade do indivíduo se altera dentro de um curto espaço de tempo, em todos os sentidos: sobre si mesmo, sobre os outros, sobre onde está inserido; a ciência da própria existência, individual e concreta, aumenta dia após dia e o adolescente não sabe lidar com esse fato. Inclusive, ainda segundo eles, a própria noção de tempo se altera, pois a memória guardada da infância diz respeito, em suma, aos seus momentos de tranquilidade, afeto e estabilidade – aspectos da vida humana que se modificam junto às perspectivas do indivíduo durante seu crescimento, não podendo mais retornar à mesma da infância, uma vez alcançada a adolescência –, como se não houvesse preocupações e, por isso, o tempo passasse mais rápido. Ou seja, na infância não havia situações de embate para marcar o tempo, como acontece na adolescência; portanto, a ideia de “ser criança” se torna cristalizada, enquanto o “ser adolescente” é um momento de construção da própria personalidade e de transição para a aguardada “vida adulta”.

Dessa maneira, por ser um período de constante mudança, existe uma cobrança da sociedade para com os adolescentes, para que suas percepções da realidade, seus ideais, suas personalidades e seus planos futuros sejam definidos o quanto antes, para que se portem “com a maturidade esperada de um jovem adulto” e sejam mais socialmente aceitos – entretanto, essa cobrança é exacerbada e retira a plena liberdade de escolha do indivíduo, de forma a gerar inseguranças e escalonar a necessidade de aprovação dos meios sociais em que estão inseridos (principalmente dentro dos mais próximos, como núcleo familiar, comunidade escolar, grupo de amigos e interesses românticos). Nesse sentido, pode-se dizer que a busca por aprovação social é uma característica completamente normal da adolescência (e de outras fases da vida também), mas que, apesar disso, não deixa de ser prejudicial para o seu processo de construção da individualidade e senso próprio,

³ Acrescento que, à princípio, a ideia era filmar e fotografar a roda de conversa, para registrar como aconteceu esse processo de maneira mais ilustrada. Entretanto, assim que cheguei na sala, percebi os estudantes um tanto tímidos com a minha presença e decidi apenas pedir autorização a eles e à professora Leidiane para gravar a conversa inteira em áudio – o que logo me foi cedido, também me proporcionando material de estudo durante todo este trabalho. Desse modo, como meu trabalho não implica em uma análise minuciosa de cada fala de cada estudante, proponho-me a apresentar somente os aspectos gerais do que foi dito por eles, meus interlocutores.

pois cria uma preocupação a respeito da opinião alheia que pautará toda sua existência até a fase adulta, de modo que ele pode acabar negando a si mesmo a fim de ser aprovado socialmente.

A partir disso, é possível afirmar que as mudanças do adolescente são sempre dinâmicas: o âmbito externo afeta o interno, da mesma forma que o interno afeta o externo. Muda-se o pensamento, depois, muda-se a personalidade e, por fim, muda-se o comportamento geral. Conforme o que me foi pontuado, é a partir dessas mudanças dinâmicas que surgem a rebeldia, a rebelião, a revolta e o embate contra aqueles que pensam diferente (pai, mãe, colegas e professores, por exemplo), além de outros comportamentos considerados típicos da idade, como a identificação com grupos alternativos à norma social, a adesão a um estilo de aparência diferente da maioria e o desenvolvimento de interesses opostos aos incentivados por sua família.

Com base no que foi dito durante a roda de conversa, séries, filmes e histórias fictícias norte-americanas e/ou europeias (como *Euphoria* e *Heartstopper*, as quais me proponho a analisar, e tantas outras) não representam todas as maneiras de ser adolescente, pois não abarcam todas as vivências possíveis pelas quais eles podem passar – nem as múltiplas juventudes que existem, apesar do esforço em tentar trabalhar temáticas voltadas para a juventude – e, ainda, limitam a ideia do que é experienciar a adolescência de fato: fora das normas e moldes apresentados nessas obras estrangeiras à realidade brasileira. Vivências tão comuns na adolescência, como trabalhar, cuidar da família e secundarizar os estudos podem ser retratadas nessas obras, sim, mas não da mesma maneira que ocorre no Brasil ou em diversos outros países de terceira economia, invisibilizando-as enquanto realidades concretas pelo mundo – inclusive nos próprios países centrais que produziram esses “moldes de adolescente”, pois essas obras excluem os indivíduos que precisam trabalhar, cuidar da família e secundarizar os estudos durante a adolescência também por conta de seu contexto particular, independentemente de qual seja. Até mesmo a ideia de estudar (dedicar-se aos estudos, frequentar a escola e adentrar na universidade) é abordada em desacordo com o que realmente se presencia durante a adolescência, tanto no Brasil quanto em outros lugares, visto que é colocada em segundo plano na vida dos personagens perante outras tramas que lhes ocorrem, sendo que, na realidade, a escola e os estudos costumam ser o foco da maioria dos adolescentes.

Assim, é possível dizer, conforme o grupo com que conversei, que as obras-base da minha pesquisa – e outras que foram mencionadas durante a roda, também estrangeiras –, ainda que muito relevantes e bem feitas, não representam plenamente a vida de um adolescente, ainda mais no contexto brasileiro, porque grande parte daqueles personagens não precisam trabalhar para sobreviver, têm acesso a muitas oportunidades consideradas privilégios (por exemplo, tirar carteira de motorista e ter o próprio carro) e não parecem ter dificuldades com os estudos

escolares – isso difere muito das vivências da adolescência atual no Brasil. Entretanto, apesar de todas as divergências, também foram percebidas certas semelhanças entre a ficção e a realidade, como os conflitos entre amigos e familiares, a dificuldade de socialização, os momentos de rebeldia, o uso de substâncias lícitas e ilícitas enquanto ferramentas de escape, a busca por aceitação social e a construção de senso próprio. Todas essas características são comuns da juventude, independentemente de seu contexto; a grande diferença é a maneira como cada uma se apresenta e é construída, sendo algumas, sim, mais complexas e conflituosas do que outras, conforme a realidade em que o indivíduo está inserido.

Inicialmente, quando conversei com a minha orientadora sobre o projeto, a ideia de pesquisa de campo/trabalho empírico ideal era a de fazer, no mínimo, três rodas de conversa, em que cada turma participante corresponderia a um ano do ensino médio: seria, então, uma roda de conversa com o primeiro ano, uma com o segundo ano e uma com o terceiro ano – para que, dessa forma, fossem obtidas diversas perceptivas a respeito da adolescência e da juventude. Buscava, portanto, entender como indivíduos de diferentes faixas etárias (em uma fase em que cada ano pode significar um salto de maturidade considerável) absorviam essas obras audiovisuais “juvenis” e se afetavam por suas representações da adolescência. Porém, para que a minha análise não ficasse muito extensa (visto que não era o ponto principal do trabalho), limitei-me a fazer uma roda de conversa apenas com uma turma, a princípio o segundo ano do ensino médio que, depois, por questões de praticidade, alterou-se para o terceiro ano, porque os estudantes teriam idade próxima à dos personagens de *Euphoria* (2019) e de *Heartstopper* (2022). Contudo, mesmo precisando mudar meus interlocutores-alvo, e não conseguindo seguir exatamente o que fora roteirizado, após observar os resultados obtidos, conclui que os objetivos de meu trabalho, ainda assim, foram atendidos, já que a turma com que trabalhei tinha posicionamentos mais críticos quanto à juventude e, portanto, à construção de suas próprias adolescências.

Todavia, para além da definição prática e cotidiana do que é a juventude (nesse caso, dada propriamente por jovens), há, também, diversas definições teóricas: como se caracteriza, como é interpretada, qual tipo de indivíduo abarca. Dessa maneira, para tal propósito, começarei utilizando as definições de criança e adolescente presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990), a definição de adolescência do *Dicionário de Psicologia* (2019), com edição de Telmo Mourinho Baptista e David Dias Neto, a definição de adolescência pelo *Dicionário de Sociologia* (1997), por Allan G. Johnson, e a definição juventude e adolescência de Pierre Bourdieu (1983), presente na entrevista intitulada “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”.

Sendo assim, de acordo com a Lei nº 8.069/1990 – Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre

doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade”. Nesse aspecto, segundo o *Dicionário de Psicologia*, adolescência refere-se à um:

Período do desenvolvimento humano situado entre a puberdade e a idade adulta e todas as alterações físicas, mentais, sociais e culturais associadas. [...] A adolescência é uma fase que se inicia por volta dos 10 anos e termina por volta dos 19 anos. Para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência é dividida em três fases: pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos; adolescência, dos 15 aos 19 anos completos e a juventude, dos 15 aos 24 anos (Baptista; Neto, 2019, p. 24).

E, ainda, conforme o *Dicionário de Sociologia*, “Adolescência é o estágio no CURSO DE VIDA que separa a infância da vida adulta. Trata-se de fenômeno relativamente recente, datando de fins do século XIX e encontrado sobretudo nas sociedades industriais” (Johnson, 1997, p. 17).

A partir do que fora apresentado, na entrevista “A ‘juventude’ é apenas uma palavra” – publicada em 1978 pela revista *Les Jeunes et le premier emploi* e, depois, em 1983 no livro *Questões de Sociologia* –, Pierre Bourdieu⁴ discorre sobre o conceito de juventude e todas as ideias que o delimitam, já definindo que as noções acerca da idade e, por consequência, das faixas etárias são construções pura e plenamente humanas, por mais que se baseiem em questões biológicas – a depender do contexto social de um indivíduo, ele pode ser considerado mais ou menos jovem e amadurecido quando comparado a outros. Além disso, o autor afirma que “[...] a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades” (Bourdieu, 1983, p. 112), pontuando que se trata de uma construção social, e não um fato natural, justamente por estar inserida dentro da lógica de poder das sociedades capitalistas – por exemplo, a ideia de imaturidade ligada à juventude não seria apenas uma constatação a partir da biologia humana, mas um discurso perpetuado para que não houvesse reformas nas estruturas de poder por parte dos jovens (que poderiam ver a realidade com “novos olhos”), já que essas estruturas mantinham os senhores abastados no alto da pirâmide social. Ainda, ele diz: “O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos

⁴ Nascido em Denguin, na França, no ano de 1930, Pierre Bourdieu foi um sociólogo extremamente relevante e influente, a partir da segunda metade do séc. XX até os dias atuais, tanto para a sociologia francesa quanto para as linhas teóricas que descendem dela. Formou-se, inicialmente, em Filosofia, na *École Normale Supérieure*, em Paris, porém teve sua mudança para o campo da Sociologia durante seu serviço à Guerra da Libertação da Argélia (1956-1962), quando começou suas pesquisas nas obras de Claude Lévi-Strauss. Dessa forma, bebeu das teses de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim e formulou uma teoria propondo um construtivismo estruturalista ou um estruturalismo construtivista, buscando romper com as dualidades entre micro e macro da Sociologia, e cunhando termos como: “Campo social”, “Habitus”, “Espaço social”, “Doxa”, “Nomos”, “Capital cultural”, “Capital social” e “Capital simbólico”. Ademais, uma de suas principais obras é *Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura* (1964), escrita em coautoria com Jean-Claude Passeron.

socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas” (Bourdieu, 1983, p. 113).

Dessa forma, é possível dizer que certas características foram definidas enquanto típicas e comuns à juventude (especificamente à adolescência, Bourdieu [1983] aponta), que se pautam em aspectos biológicos, sim, mas, ao mesmo tempo, carregam muitos fatores sociais apresentados como totalmente naturais e intrínsecos da existência humana, construindo, assim, uma visão ideológica e estereotipada da juventude que, na grande maioria das vezes, não corresponde com a realidade – além de deixar a cargo da parte mais velha da população funções mais institucionais e complexas, pela crença popular de que a parte mais jovem poderia fazer o mesmo. Segundo Bourdieu (1983, p. 112), portanto:

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares [...] lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade [...] acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar.

Nesse sentido, Bourdieu (1983) também discorre como a própria ideia de falar de jovens enquanto uma unidade social, de indivíduos que detêm interesses em comum, e relacionar esses interesses a uma idade determinada pela biologia já apresentava como a categoria idade é socialmente manipulada conforme os interesses daqueles que pretendem se manter no poder. Portanto, para que o conceito de juventude seja definido de forma mais palpável e concreta, faz-se necessário analisar as diferenças entre dois tipos de juventudes reais: jovens que já estão inseridos no mercado de trabalho e, na mesma idade biológica, jovens que são apenas estudantes – comparando suas condições de vida, o mercado de trabalho e a distribuição de tempo que têm. A partir dessa análise, conclui-se que não há possibilidade de conceituar realidades sociais tão absurdamente distintas dentro de uma mesma ideia universal de juventude – ainda que, no campo da adolescência, tanto jovens burgueses quanto proletariados estejam sob o mesmo guarda-chuva de “serem adultos para algumas coisas e serem crianças para outras” –, e é analisando essas dicotomias que se percebe todos os tipos de juventude entre elas. Entretanto, ainda que no mesmo espectro, Bourdieu (1983) aponta como os jovens burgueses têm o desejo de prolongar a adolescência, enquanto os jovens proletariados desejam ingressar à realidade adulta o quanto antes (principalmente no mercado de trabalho), ainda mais quando essa classe começa a ter mais acesso à educação básica.

Voltando-se para o campo da educação, Bourdieu (1983) apresenta a maneira como o acesso à escola e ao ensino secundário para a classe proletária criou, na realidade, a condição de

“meio-criança, meio-adulto” (o cerne da adolescência) para os jovens estudantes, que sequer tinham a noção do que era ser adolescente, pois a escola lhes atribuía a função de estudante e os preservava nessa realidade até que o ensino fosse concluído, por consequência, tirava-os da possibilidade de trabalhar o dia inteiro e de assumir por completo compromissos mais socialmente atribuídos a indivíduos adultos. Por exemplo, em comunidades rurais, quando filhos de camponeses ou artesãos passavam a frequentar a escola local, eles eram definidos por uma faixa-etária (a adolescência) durante um período considerável da vida, no qual, antes, ocupariam com trabalho, tal como o restante da família, em uma posição muito distante do universo social que definiria o indivíduo adolescente, porém, agora, na escola, realizariam tarefas mais direcionadas à adolescência, com a finalidade de adquirir conhecimentos gerais sobre a realidade que lhes ajudariam na vida adulta. No caso das escolas do poder (grandes escolas da classe burguesa, como academias e liceus), os estudantes eram separados do mundo exterior e passavam a maior parte do tempo nas dependências da escola, como biblioteca, salas de aula, refeitório, ginásio esportivo e dormitório, preparando-se para as mais “altas funções” e adquirindo títulos conforme seus estudos – o que prolongava ainda mais a vivência adolescente desses jovens.

Portanto, por conta da presença no ambiente escolar, Bourdieu (1983) também aponta que a condição temporária de “estudante” induz a diversas situações particulares da vivência escolar, por exemplo “eles levam os livros amarrados com um cordão, sentam-se nas motocicletas para ‘cantar’ uma menina, encontram os amigos dos dois sexos fora do trabalho, em casa são dispensados das tarefas materiais porque estão estudando” (Bourdieu, 1983, p. 115) – um fator deveras importante, segundo o autor, pois as classes populares tentam o máximo possível separar o adolescente das atividades do lar, justamente para preservar o seu estado físico e mental e, com isso, fazem-no suceder mais nos estudos. Assim, na classe burguesa, a maioria dos jovens pretende continuar estudante por mais tempo: finalizam o ensino primário, o ensino secundário, o ensino técnico e/ou o ensino superior, de forma a tentar adquirir títulos de formações diferentes e de preservar por mais tempo essa ideia de desenvolvimento pessoal vinculada à adolescência; contudo, na classe proletária, a maioria dos jovens deseja ingressar no mercado de trabalho logo que termina a educação básica (ou enquanto ainda está nela), porque sabe que necessita do dinheiro para viver normalmente em sociedade, e que isso tem mais importância do que a dedicação aos estudos, além de também presenciar o fato de que nem sempre vários títulos escolares garantem uma melhor condição de trabalho – o que torna o ato de estudar mais desanimador do que incentivador para a juventude.

Por fim, Bourdieu (1983) pontua que a maioria dos conflitos de gerações entre jovens e velhos acontece por conta da diferença entre as estruturas da sociedade, principalmente no

âmbito do trabalho, pois o que antes, em gerações mais velhas, era visto como exceção à norma social, agora se tornou comum e, de certa forma, banal em grupos mais novos. Ele diz, portanto:

[...] as aspirações das 7 sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário [...] se tornou banal, estatisticamente (Bourdieu, 1983, p. 118-119).

Assim, o autor disserta como um melhor acesso à educação básica na escola da classe proletária desencadeou melhores condições de vida nessa juventude trabalhadora: em outros termos, ao se ter uma boa educação escolar, cria-se uma base de conhecimento que permite ao indivíduo acessar outros espaços de construção de saber, como a universidade, para se graduar ainda mais e conseguir boas oportunidades de emprego.

Nesse sentido, o conflito geracional mora justamente no fato de que, quando a educação começou a se tornar mais acessível, um baixo nível de escolaridade já era o suficiente para estar bem empregado, pois a educação formal era incomum; porém, agora que a educação é mais acessível, exige-se níveis cada vez mais altos de escolaridade para se ter um bom trabalho, de maneira que os jovens passam a pedir para ocupar os cargos dos velhos alegando serem mais qualificados (terem mais títulos, conforme Bourdieu [1983]), enquanto os velhos exigem a permanência em seus cargos alegando ter mais experiência prática – sendo que, em períodos anteriores, pessoas mais velhas sempre detinham mais conhecimento do que as mais novas, independentemente da área. Dessa forma, cito: “Quando o ‘sentido dos limites’ se perde, vê-se aparecer os conflitos a respeito dos limites de idade, dos limites entre as idades, que têm como objeto de disputa a transmissão do poder e dos privilégios entre as gerações” (Bourdieu, 1983, p. 121).

Apesar de haver uma vasta gama de autores da área das Ciências Sociais que trabalham com os conceitos de adolescência e juventude atualmente, a perspectiva de Pierre Bourdieu foi escolhida por ser uma das mais importantes e mais influentes da Sociologia – também impactando a Antropologia, a Ciência Política e demais áreas de conhecimento –, diretamente conectada com a sua proposta teórica de construtivismo estruturalista/estruturalismo construtivista que diz respeito à maneira com que o indivíduo é afetado por seu meio social desde muito antes de seu nascimento (seu lugar de origem, sua educação familiar, sua etnia, seu gênero, entre outras categorias), ao mesmo tempo que é afetado pelos demais campos da vida social durante sua existência, sem se desvincular daquilo que carrega desde a primeira infância – ou seja, o indivíduo é sempre afetado pelos âmbitos micro e macro da sociedade. Sendo assim, quando se fala de adolescência (e juventude, de modo geral), fala-se de um período da vida

humana em que todos os acontecimentos impactam profundamente a maneira de vivenciar a realidade, exatamente porque estarem construindo o senso que precisam ter de si mesmos e de outros em seu entorno. Nesse aspecto, no primeiro capítulo da obra *Culturas Juvenis*, intitulado: “A Transição dos Jovens para a Vida Adulta”, José Machado Pais (2003) pontua o seguinte:

Essa desconstrução da juventude como representação social (do senso comum) acabará por se revelar como uma construção sociológica – isto é, científica paradoxal – da juventude. A representação social da juventude dará lugar à realidade sociologicamente construída. A sociologia do social (de que haveria de ser?) acabará aqui por se revelar como a problematização (sociológica) de certos problemas (sociais) sendo, então, que o *significante* social (predominantemente em forma de ideologia) se transforma em *significado sociológico* (predominantemente em forma de discurso científico). Justamente porque as *fases de vida* (vulgarmente identificadas com a infância, a adolescência, a juventude, o estado adulto e a velhice) têm variado enquanto tranches de idade ao longo da história, cabe perguntar: quais os factores sociais que determinarão, em determinados períodos, a construção social de determinadas fases da vida? Aqui temos outro exemplo muito simples de *interrogação e problematização sociológicas* (Pais, 2003, p. 36-37, grifos do autor).

Desse modo, partindo tanto das definições “práticas” de adolescência, propostas na roda de conversa pelos estudantes do terceiro ano do ensino médio, quanto das definições “teóricas” de adolescência advindas do ECA (Brasil, 1990), do *Dicionário de Psicologia* (2019), do *Dicionário de Sociologia* (1997) e da própria entrevista de Pierre Bourdieu (1983), é possível concluir que não há uma única e exclusiva forma de definir precisamente o que é a adolescência (que está abarcada pela juventude), por ela ser uma grande união de tudo que fora exposto pelos estudantes com quem conversei, e pelas obras teóricas mencionadas. Ou seja, todas essas definições estão corretas.

Quando se trata de identificar o indivíduo adolescente na realidade, não é possível se pautar somente no que foi dito na roda de conversa com os estudantes, porque, apesar de falarem de experiências reais e legítimas de suas adolescências (nas quais ainda estão vivendo), há formas diversas de ser adolescente, para além das relatadas por eles, formas que esses estudantes podem, ainda, não ter tido contato ou sequer imaginado ser possíveis, por considerarem irreais perante suas perspectivas de mundo até o presente momento. Por exemplo, um jovem de uma classe abastada (a elite social) não deixa de ser adolescente por não precisar trabalhar e poder se dedicar majoritariamente aos estudos; portanto, ele ainda será afetado pelos estigmas sociais e biológicos envolvendo essa fase, mesmo que de forma distinta de qualquer outro adolescente da classe trabalhadora, por conta dos privilégios que possui. No mesmo sentido, uma jovem não deixa de ser adolescente por engravidar ou começar a cuidar da família, ainda que a sua adolescência seja diferente daqueles que não passam pelas mesmas experiências. Desse modo, falar de adolescência diversa é falar de adolescentes que trabalham, que estudam, que cuidam da família, que chefiam

residências, que adentram na universidade mais cedo, que saem da escola mais tarde, que têm o próprio carro, que são acompanhados em todos os lugares, que são emancipados legalmente, que dependem da família, que, enfim, podem ter múltiplas vivências que exijam mais ou menos cuidado, discernimento, responsabilidade e maturidade (tornando-os mais crianças ou mais adultos a depender o momento), mas que não os tornam menos adolescentes do que realmente são.

Para além disso, a ideia de adolescência não pode ser pautada apenas nas falas dos estudantes, pois há questões relatadas que, mesmo extremamente comuns, normalizadas e aceitas socialmente, são incompatíveis com as preocupações da idade: trabalhar, cuidar da família e cuidar da casa são exemplos muito presentes na sociedade brasileira que, apesar de fazerem parte do cotidiano do adolescente e não o prejudicarem completamente por si só, não deveriam ser suas obrigações principais, mas, sim, de seus responsáveis legais (mãe, pai, avós, irmãos adultos e demais parentes que o tutelam), que possuem o dever estatal de garantir boas condições de vida para esse adolescente, e tornar típicas essas ações na adolescência é danoso ao indivíduo, pois coloca o trabalho e o cuidado no mesmo patamar de importância que os estudos escolares, sobrecarregando-o com compromissos “adultos” que não são parte de sua escolha.

Da mesma maneira, a adolescência real não pode se pautar apenas em definições teóricas, porque estas não abarcam completamente o que é vivenciado pelo adolescente na realidade, e tentar categorizá-lo dentro de uma ideia de indivíduo que apenas frequenta a escola e trabalha na condição de jovem aprendiz ou, também assegurado legalmente, enquanto trabalhador com carteira assinada, exclui os outros tipos de adolescente que experienciam formas de viver fora desse padrão estipulado – o que os pode levar a serem lidos socialmente enquanto “adultos” ou “muito maduros” quando, de fato, ainda não o são. Por consequência, seguir as definições teóricas como regra pode culminar no surgimento de estereótipos de adolescentes enquanto indivíduos que “não fazem nada da vida”, justamente por terem seus estudos priorizados, por terem direito a menores cargas de trabalho e por serem dependentes de seus responsáveis até a idade adulta legal (a não ser em casos de emancipação), além da ideia de que são sempre instáveis, preguiçosos, incapazes, imaturos, irresponsáveis e rebeldes apenas por não terem, ainda, suas aptidões e faculdades mentais completamente desenvolvidas – como indivíduos que estão passando por um intenso processo de desenvolvimento biológico, psíquico e social, e que, por isso, ainda precisam ser tutelados, enquanto começam a dar os primeiros passos na “vida adulta”: ajudar nas tarefas domésticas, tornar-se jovem aprendiz ou, até mesmo, resolver pequenos problemas sozinho e tomar as próprias decisões sobre o seu futuro.

Entretanto, é importante que haja uma definição teórica e constitucional sobre o que é a adolescência, pautada em conceitos médicos e biológicos, pois garante que um ideal de direitos

e deveres dessa categoria seja assegurado legalmente, prevenindo que pessoas ainda em desenvolvimento cognitivo (adolescentes) exerçam funções que deveriam ser cumpridas por aqueles que já têm o corpo e a mente completamente desenvolvidos, podendo responder por seus feitos por si só e conviver em sociedade sem tutela (adultos). Dessa forma, ainda que nem todos os adolescentes vivam conforme o que está estabelecido no ECA, estipular um “padrão mínimo de adolescência” amplamente divulgado é necessário para garantir que não tenham sua integridade física, intelectual e moral ferida e, para além, conseguir localizar qualquer tipo de criminalidade que possa estar acontecendo, como exploração sexual, assédio, violência doméstica, encarceramento e trabalho forçado.

Nesse aspecto, por fim, pode-se dizer que a grande questão sobre a definição da adolescência está em não excluir nenhuma das vivências de jovens entre 12 e 18 anos (a faixa etária legal que corresponde à adolescência, conforme o ECA [1990]) enquanto válidas e realistas, por mais diversas que possam ser quando comparadas, porque é a própria diversidade de perspectivas sobre a mesma realidade uma parte intrínseca desse período da existência humana. Apesar de haver, sim, um padrão mínimo de direitos e deveres sobre adolescentes, que deve ser seguido e respeitado, há inúmeras maneiras de vivenciar concretamente essa fase e todas elas estão corretas, pois são presentes na realidade; em outros termos, não há uma adolescência que seja, de fato, irreal ou imaginária, visto que ela pode existir em algum lugar – se não for no Brasil, em qualquer lugar do mundo. Há adolescentes que não querem trabalhar, há adolescentes que não querem estudar, há adolescentes que não querem constituir família e, na mesma intensidade, há adolescentes que querem seguir a direção completamente oposta; sendo assim, mesmo que o cunho revolucionário seja a base da maioria de seus pensamentos, cada juventude constrói seu próprio jeito de existir no mundo e não há maneira certa ou errada de esse processo acontecer. No entanto, é válido pontuar que, a despeito das diversas adolescências em confluência, há padrões (ou “tipos”) que são mais presentes na sociedade como um todo (tanto aqui, no Brasil, quanto em outros países) e, por conta disso, são a base das representações de indivíduos adolescentes nas produções midiáticas da atualidade.

3 *EUPHORIA* & *HEARTSTOPPER*: MANEIRAS DE REPRESENTAR A ADOLESCÊNCIA?

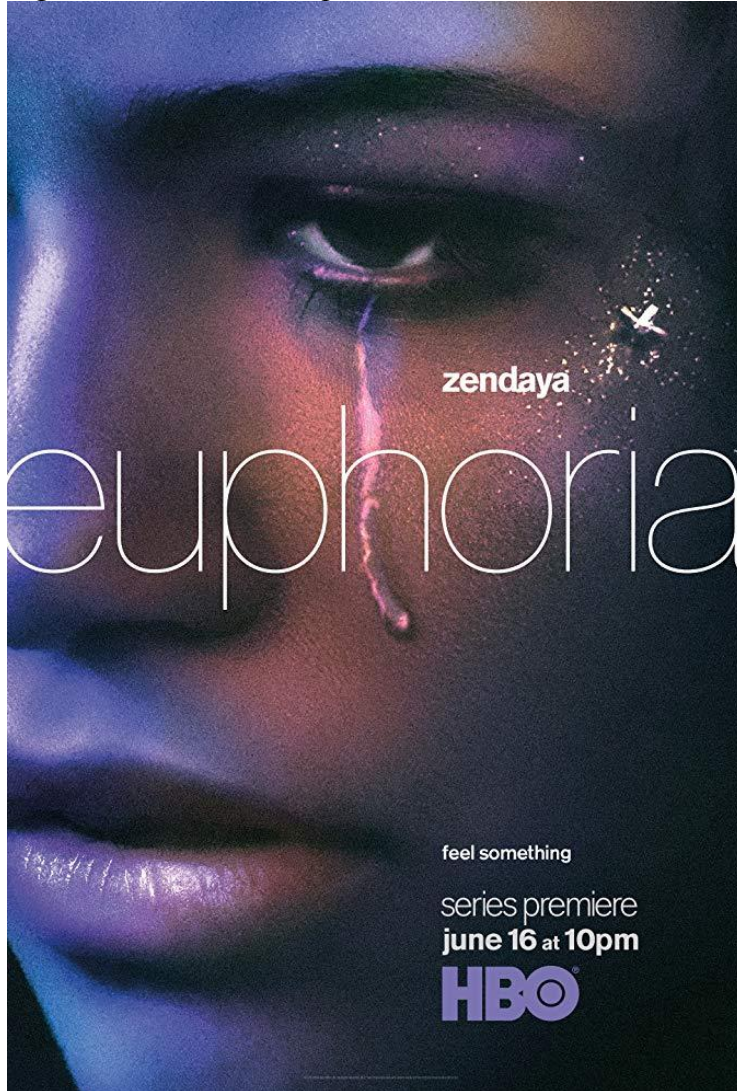
Conforme apresentado anteriormente, neste trabalho eu me proponho a focar na análise da primeira temporada das séries *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022), sendo estas apenas exemplos de produções midiáticas da atualidade que visam a abordar temas recorrentes da juventude a partir de protagonistas adolescentes – dessa forma, também objetivando representar a adolescência contemporânea com seus personagens. Nesse contexto, a razão pela qual optei por analisar somente a primeira temporada de cada série escolhida se deu por algumas instâncias: primordialmente, nenhuma das produções está finalizada – *Euphoria* (2019) tem uma terceira temporada prevista para 2026 e *Heartstopper* (2022) terá um filme para encerramento da saga, ainda sem previsão de lançamento –, de maneira que as histórias não poderiam ser investigadas de forma equiparada, por não haver a mesma quantidade de conteúdo disponível para análise.

Além disso, na primeira temporada de ambos os seriados, o elenco geral está mais próximo da idade dos personagens (ou seja, mais próximos dessa aparência), de modo que parece mais justo traçar uma pesquisa sobre a representação da juventude a partir desse recorte do que partindo das temporadas seguintes, em que os próprios personagens se portam de maneira mais adulta (gerando menos discrepância entre eles e a fisionomia do elenco, de maneira geral). Posto isso, ainda que não tenham sido explicitadas devidamente, as questões apresentadas são relevantes para esta pesquisa e serão melhor abordadas ao longo desta terceira seção.

Nesse sentido, *Euphoria* é um seriado estadunidense lançado em 2019, produzido pela A24 e distribuído pelo canal televisivo HBO, posteriormente, adicionado em sua plataforma de *streaming*, HBO Max. Trata-se de uma obra inspirada em uma série israelense de mesmo nome (em hebraico: *אופוריה*, *Oforia*), exibida entre 2012 e 2013 pelo canal televisivo *Hot 3*; entretanto, a versão estadunidense tomou proporções muito distintas da israelense em diversos aspectos: estéticos, de roteiro, de elenco, de fotografia, de cinematografia e de narrativa, além de muitos outros que a levaram para um caminho de popularidade relevante entre jovens adultos (de 19 à 25 anos) e adolescentes (de 12 à 18 anos). Dito isso, *Euphoria* (2019) acompanha a personagem principal Ruby “Rue” Bennett (Zendaya), de 17 anos, e sua luta diária contra o vício em drogas – heroína, mais especificamente –, seus conflitos familiares e suas questões emocionais com a melhor amiga, Jules Vaughn (Hunter Schafer). Além de Rue, a narrativa também acompanha outras personagens importantes para a trama, que são, em sua maioria, colegas escolares: Maddy Perez (Alexa Demie), Nate Jacobs (Jacob Elordi), Kat Hernandez (Barbie Ferreira),

Cassie Howard (Sydney Sweeney), Chris McKay (Algee Smith), Fezco (Angus Cloud) e Ashtray (Javon Walton).

Figura 1 — Poster de *Euphoria*



Fonte: HBO (2019).

Suscintamente, a opinião geral do público acerca de *Euphoria* (2022) é bastante mista: uma parcela de seus telespectadores diz que se trata de uma obra audiovisual que representa a adolescência e demais questões da juventude de maneira mais crua, sensível, realista e relacionável, visto que pontua, durante a narrativa, as constantes indecisões, inseguranças, receios e medos das personagens, que acarretam decisões imprudentes, impulsivas, equivocadas e inconsequentes, assim movimentando o enredo para que sejam resolvidas (ao menos naquele momento) as questões que começam a aparecer – o que, em um primeiro momento, pode soar como algo ruim para uma série, mas adiciona uma camada de complexidade à trama e a aproxima ainda mais da realidade da juventude desse tempo. Ou seja, são as personagens

errando na tentativa de acertar, de lidar com seus próprios problemas da melhor maneira possível, e da própria representatividade que conquistou os telespectadores (tanto na aparência quanto nas atitudes, típicas dessa fase), estabelecendo *Euphoria* (2019) como uma boa produção sobre adolescência, apesar de voltada para o público jovem adulto. Segundo a matéria “Euphoria e o Retrato de uma Juventude Autodestrutiva”, por Egberto Santana Nunes:

O acerto de *Euphoria* está em traçar as problemáticas da juventude atual à sua maneira. São clichês, mas que aqui recebem um tratamento refinado e único. Pornografia, masculinidade tóxica, abuso sexual, identidade, relacionamento abusivo, e vício em drogas são alguns dos temas discutidos, e todos bem gráficos na tela. O quê fez a série se tornar “polêmica”, mostrando algo para alguns chocantes, e para outros, partes de suas vidas (Nunes, 2019, §10).

Por outro lado, *Euphoria* (2019) também foi recebida como uma obra que retrata a adolescência de forma “fantasiosa”, como se a narrativa aumentasse as vivências juvenis para as tornar mais interessantes para a televisão – quase a glamourizando para seus telespectadores, com diversas cenas de violência passional, hipersexualização, abuso de substâncias lícitas e ilícitas, nudez e sexo explícito com uma boa fotografia, boa iluminação e boa trilha sonora, de forma a cativar quem está assistindo e apresentar esse modelo de juventude. No geral, como foi produzida para adultos, não há nenhum problema em falar sobre adolescência a partir desses tópicos, pois o pensamento crítico já está mais desenvolvido em sujeitos nessa fase; porém, o público não deixou de levantar questionamentos a respeito da forma com que os adolescentes da série realmente representam a vida real, visto que nem toda adolescência é problemática tal como é mostrado em *Euphoria* (2019). Além disso, também houve críticas acerca da escolha do elenco, com uma faixa-etária consideravelmente maior em comparação aos personagens, que ainda estão na escola – variando desde 5 até 11 anos de diferença com as personagens (como o caso de Zendaya, que tinha 22 anos enquanto interpretava Rue Bennett na primeira temporada, e Alexa Demie, que tinha 28 anos enquanto interpretava Maddy Perez, também na primeira temporada), com o restante do elenco variando entre essas idades –, pois essa discrepância poderia criar uma imagem socialmente idealizada sobre a figura do adolescente.

Figura 2 — Notícia retirada de Veja

Cultura

'Euphoria', com Zendaya, é o retrato mais honesto das dores juvenis na TV

Série chega à segunda temporada mostrando de forma explícita desde a tragédia do vício em drogas até as relações vazias na era da internet

Por **Raquel Carneiro** SEGUIR | 30 jan 2022, 08h00 • Atualizado em 4 jun 2024, 12h10

Fonte: Veja (2022).

Figura 3 — Notícia retirada de Vogue Portugal

Euphoria: o regresso do lado sombrio de ser adolescente

14 JAN 2022
BY RUI MATOS



Fonte: Vogue Portugal (2022)

Figura 4 — Notícia retirada de Maloca Digital

HBO, SÉRIES

Euphoria: A sombria representação da adolescência



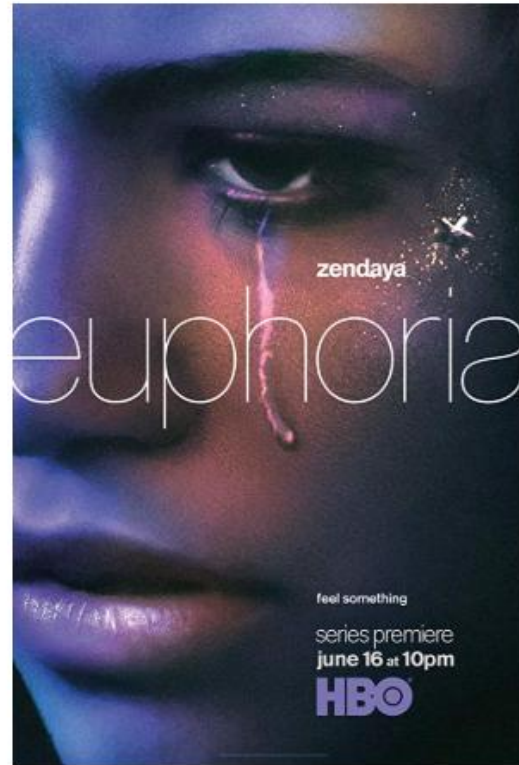
Data: 5 05-04:00 julho 05-04:00 2019 Por: Isabella Lyssa

Fonte: Maloca Digital (2019)

Figura 5 — Notícia retirada de Persona Jornalismo Cultural

Euphoria e o retrato de uma juventude autodestrutiva

06/08/2019
Televisão
2019, A24, Egberto Santana
Nunes, Emmy, Emmy 2020,
Euphoria, HBO, Resenha,
Séries, Televisão, Zendaya

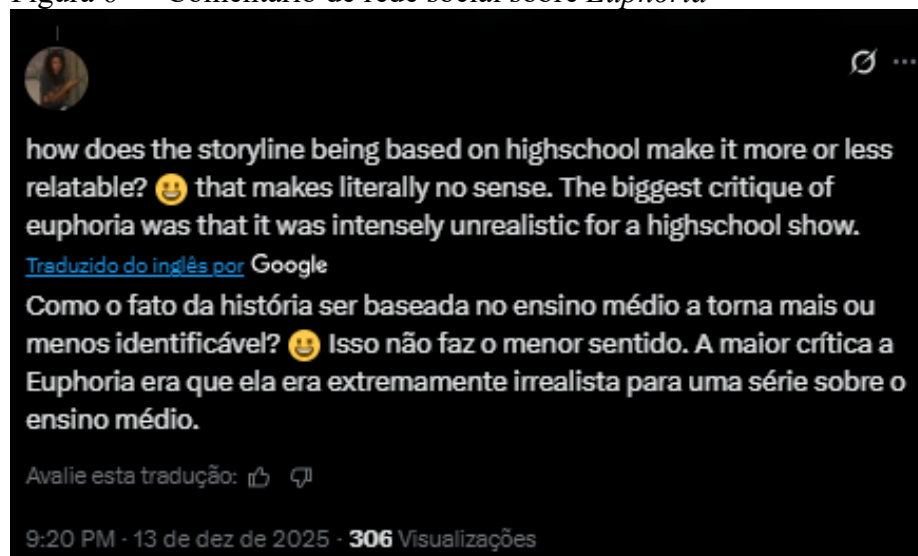


Sexo, drogas e muita maquiagem (Foto: Reprodução)

Egberto Santana Nunes

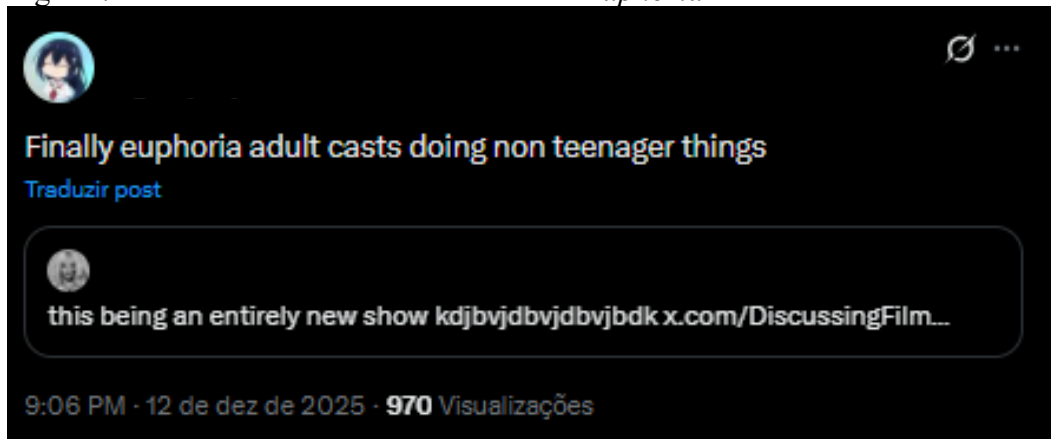
Fonte: Persona Jornalismo Cultural (2019)

Figura 6 — Comentário de rede social sobre *Euphoria*



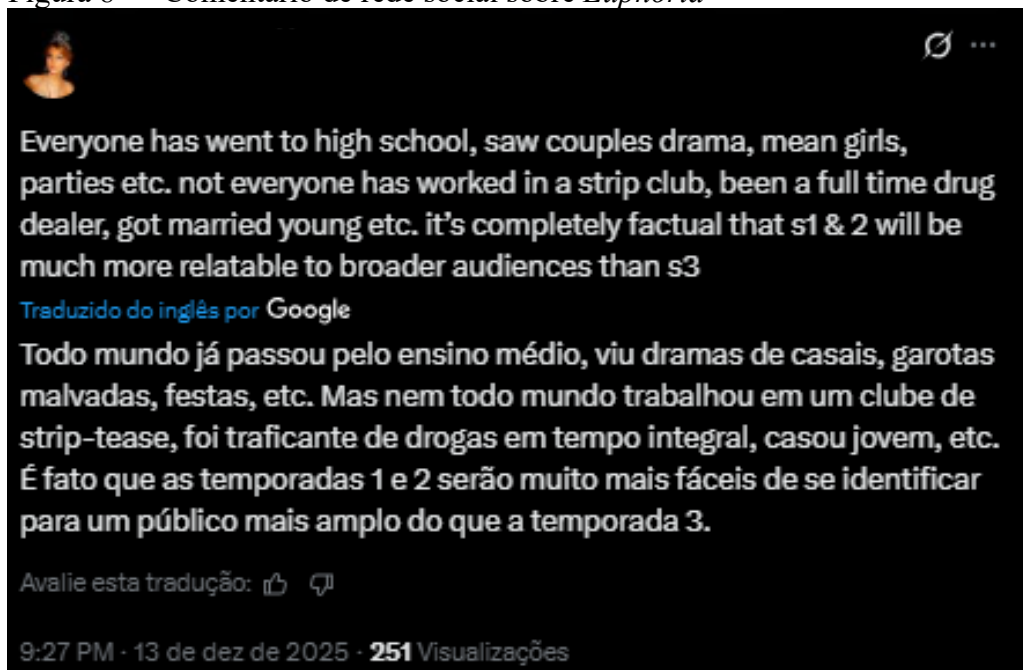
Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 7 — Comentário de rede social sobre *Euphoria*



Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 8 — Comentário de rede social sobre *Euphoria*



Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Agora, partindo para outro cenário, *Heartstopper* é um seriado britânico estreado em 2022 pela plataforma de *streaming* Netflix (onde está disponível desde o lançamento) e produzido pela *See-Saw Films*. Trata-se de uma obra baseada no *webtoon* de mesmo nome – que originou a coleção de livros e, posteriormente, o seriado – criado por Alice Oseman (2016), que também escreveu e participou da produção da série para a Netflix. Dito isso, *Heartstopper* retrata a vida de Charlie Francis Spring (Joe Locke), um jovem de 14 anos que enfrenta as dificuldades de ser assumidamente gay em uma escola para meninos (Colégio Truham), questões familiares diversas e, ainda, sua crescente paixão por Nicholas “Nick” Luke Nelson (Kit Connor) (que, posteriormente, mostra-se o segundo personagem principal, ao lado de

Charlie), um jovem de 15 anos que joga no time de rúgbi da escola, muito bonito, carismático, inteligente e claramente hétero; no decorrer da trama, Charlie e Nick desenvolvem sentimentos românticos um pelo outro e a série passa a retratar o relacionamento entre eles, conjuntamente com questões de outros personagens: Tao Xu (William Gao), Isaac Henderson (Tobie Donovan), Elle Argent (Yasmin Finney), Tara Jones (Corinna Brown) e Darcy Olsson (Kizzy Edgell).

Figura 9 — Poster de *Heartstopper*



Fonte: Netflix (2022).

Assim, como já mencionado, *Heartstopper* (2021) apresentou-se primeiro como uma coleção de livros em quadrinhos: destinada para o público juvenil da comunidade LGBTQIAPN+⁵, foi muito bem-recebida pelo público almejado e além dele, tornando-se uma referência positiva de literatura infantojuvenil por conta da maneira respeitosa, sutil e verdadeiramente representativa com que aborda temas tão latentes à adolescência e pessoas LGBTQs – como homofobia, medo de rejeição, ansiedade, *bullying*, transtornos alimentares, problemas familiares, gênero, sexualidade e primeiro relacionamento. Foi uma obra abraçada por adolescentes LGBTQs, sim, mas também por toda a comunidade (independentemente da idade), por consequência colocando as demais obras de Alice Oseman em posição de destaque ainda maior, com mais receptividade do público geral – como *Um Ano Solitário* (2022), *Rádio Silêncio* (2021) e *Sem Amor* (2021), que se tornaram livros ainda mais conhecidos após o sucesso de *Heartstopper* (2021).

Então, quando adaptada como um seriado da Netflix, *Heartstopper* (2022) tomou proporções ainda maiores: foi imediatamente abraçada pela comunidade LGBTQIAPN+, consumida por milhares de pessoas e logo tornou-se um referencial, também, de produção audiovisual para o público adolescente. Entretanto, apesar de muito bem-referenciada e aclamada pelo público – vide as diversas críticas positivas que recebera –, *Heartstopper* (2022) recebeu uma parcela considerável de críticas acerca da realidade de seus personagens, que é apresentada, desde o princípio, enquanto aceitável, acolhedora e receptiva em certa instância com pessoas LGBTQs, principalmente se comparada com a nossa realidade concreta em que a homofobia é constante, assim deixando a seguinte pergunta para os espectadores nas entrelinhas: afinal, qual tipo de adolescente LGBTQ a série pretendia retratar? No meio das redes sociais, a discussão sobre esse assunto teve seu início com o lançamento da série, em 2022, e se estende até os dias atuais; contudo, para os fins desta pesquisa, mantereí as críticas quanto ao aspecto geral da obra ou direcionadas especificamente para a primeira temporada.

Desse modo, segundo uma parcela considerável de telespectadores, *Heartstopper* (2022) possui um viés muito mais idealista e esperançoso do que realista acerca de vivências da comunidade LGBTQIAPN+ na juventude – em outros termos, preocupa-se mais em criar uma realidade ideal e exibi-la do que em retratar a realidade da grande maioria de sujeitos LGBTQs, em escala global, que experiencia diversas formas de violência em seu cotidiano, dentro e fora de seus círculos sociais mais frequentados (preconceito e intolerância sendo expressos através de agressão

⁵ Aqui pontuo que, nesta seção, utilizarei duas maneiras de me referir à comunidade LGBTQIAPN+: LGBTQ, como meio de facilitar a leitura do texto, e o próprio nome LGBTQIAPN+, por ser a maneira mais abrangente e inclusiva de referenciar o coletivo, que abarca tantas sexualidades e identidades de gênero, mesmo que ambas as nomenclaturas estejam corretas.

física e verbal, expulsão de casa, negligência familiar, desemprego, perseguição, abuso sexual, repressão, *bullying* e demais violências específicas contra a comunidade).

Para o público adolescente, isso é muito bem-visto: trata-se de uma história que não retrata as dores de ser LGBT com tanta veemência e, para além, apresenta a possibilidade de viver em um mundo mais respeitoso e igualitário, em que namorar alguém do mesmo gênero não é um problema, ou que há muitos caminhos possíveis para se trilhar, por exemplo. Enfim, é uma maneira de dar esperanças à juventude da comunidade que está em processo de descobrimento da própria sexualidade, percepção de gênero, identidade e noção de si – também tornando a ideia de ser LGBT menos sofrida e mais normalizada para quem assiste a série. Porém, para o público adulto, isso apresenta uma grande falha de representatividade: visto que a realidade é muito dura com a comunidade, não retratar as dificuldades comumente sofridas por essas pessoas é uma maneira de dizer que, na verdade, elas não acontecem e determinar um modo de ser LGBT ao mesmo tempo, pois se coloca enquanto um modelo de realidade, apesar de fictícia; portanto, a vida em *Heartstopper* (2022) é entendida pelo público geral como muito idealizada, como se não pudesse existir em lugar nenhum por conta da falta de “problemas de LGBT” apresentados.

Além das questões negativas sobre ser LGBTQIAPN+ na atualidade, a própria experiência generalizada da comunidade durante a adolescência não é retratada em *Heartstopper* (2022) como aparece em muitas outras mídias audiovisuais juvenis. Não há representação de vivências sexuais, contato com bebida alcoólica, menção ao uso de drogas lícitas e/ou ilícitas e, nem mesmo, eventos para que essas situações aconteçam e sejam mencionadas durante a narrativa, apesar de não haver indício de qualquer viés religioso ou moralista envolvendo a série. Todavia, as críticas também se estenderam a esses pontos, gerando um debate sobre a série ser muito “puritana” e “conservadora” pela ausência dos elementos já citados – com destaque para as vivências sexuais, visto que as primeiras experiências desse tipo costumam acontecer na fase da adolescência para pessoas LGBTs –, principalmente partindo de telespectadores mais adultos que tiveram sua infância e adolescência em contextos diferentes do apresentado na obra. Por outro lado, há uma parte do público adulto que se identifica com a realidade dos personagens, ainda que não diretamente, e entende que esse tipo de representação é importante por não normalizar violência, preconceito, abuso de substâncias, pressão social e uma vida sexual não-segura, para que a juventude tenha padrões e exemplos “mais saudáveis” para seguir. Segundo a matéria “‘Heartstopper’ Aumenta Busca pela Representatividade LGBTQIA+ Não-Fetichizada”, de Giulia Aguilera e Ricardo Dias de Oliveira Filho (2022), a série é uma obra não apenas representativa para as futuras gerações de jovens LGBTs, mas para a parcela adulta da comunidade que gostaria de ter vivido

conforme os personagens de *Heartstopper* (2022) – ou próximo a isso –, com mais apoio, acolhimento e possibilidades sobre o que fazer com a própria vida, sem se preocupar com o preconceito. Ainda, acrescento:

Em entrevista à AGENT, membros da comunidade LGBTQIAP+ relataram suas experiências com esse tipo de conteúdo. “Eu vejo essa representatividade sem fetichização de extrema importância, pois vamos parar de ser vistos, e de nos vermos, apenas como objeto de prazer, juntamente com a descontração de todo um estereótipo em cima de pessoas LGBTQIAP+ de serem promíscuas, pois essa fetichização sempre coloca nossos corpos em situações extremamente sexuais e muitas vezes em contextos totalmente idiotas, fora que corpos de pessoas trans foram o principal alvo dessa fetichização”, contou Nico Angel Faria. Thomas Costa também afirma que falta representatividade no cinema e, quando existe, vem de forma sexualizada. “Isso faz com que a gente se sinta sujo, inferiorizado, nos faz acreditar que nunca vamos ser amados de verdade porque não somos ‘dignos’ de merecer. A comunidade já sofre muito nas ruas e dentro da própria casa, não precisamos de mais um preconceito disfarçado de apoio”, desabafou ele (Aguillera; Oliveira Filho, 2022, §2).

Figura 10 — Notícia retirada de TAG Revista



Fonte: TAG Revista (2023).

Figura 11 — Notícia retirada de Cromossomo Nerd

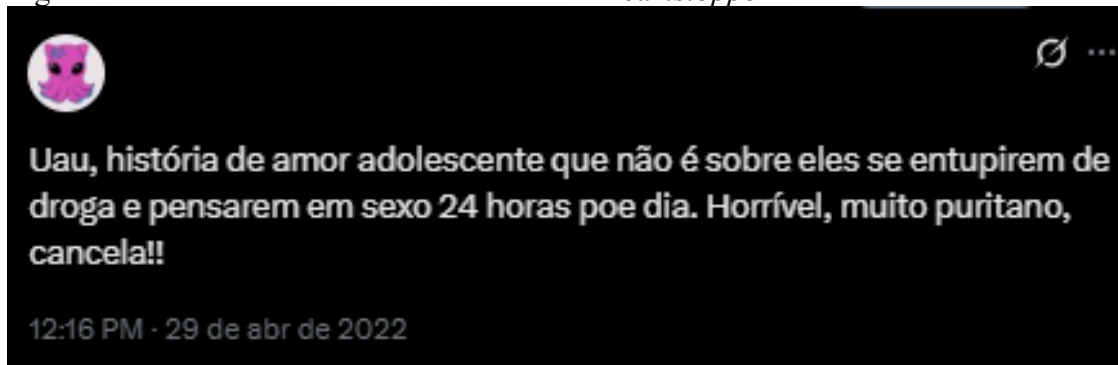
Heartstopper | O afeto e amor real entre os LGBTQIA+ existe e contraria os conservadores

Por **Felipe Faustino** - 25 de abril de 2022

👁 1194 💬 0

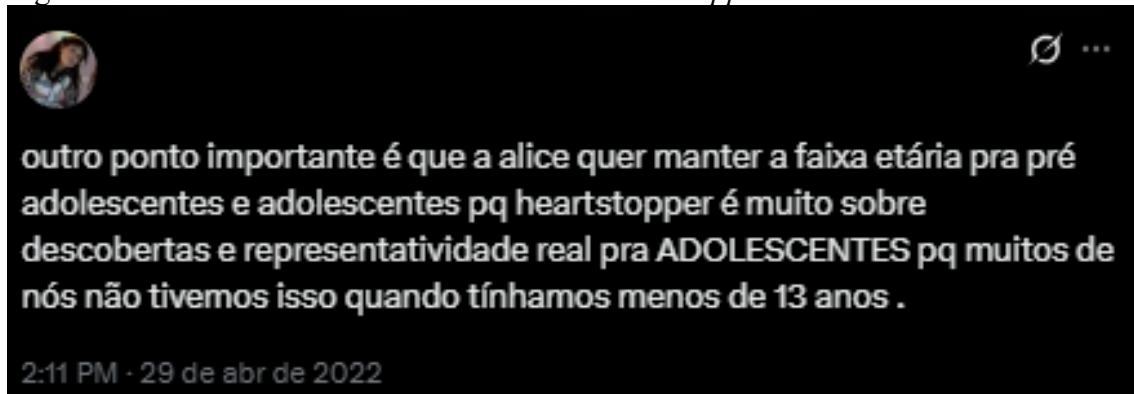
Fonte: Cromossomo Nerd (2022)

Figura 12 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*

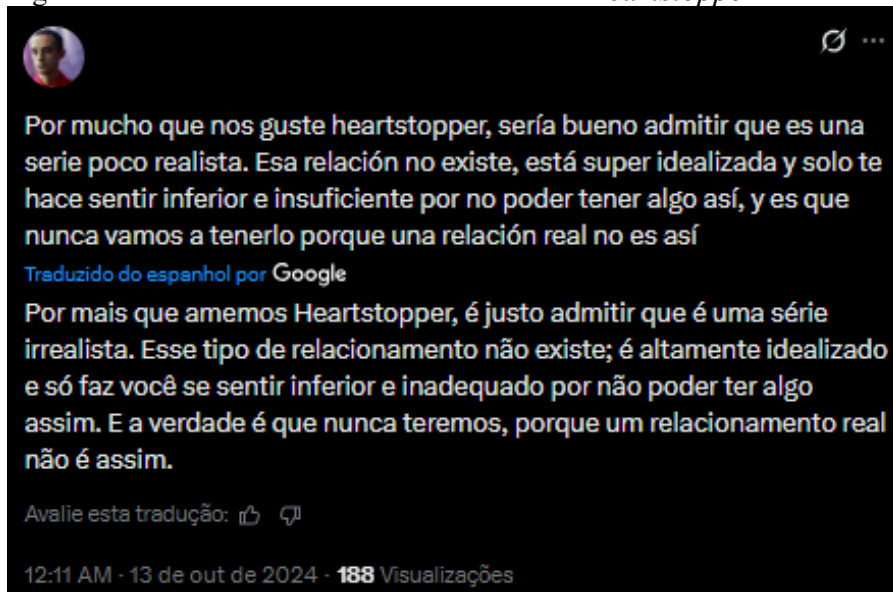


Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

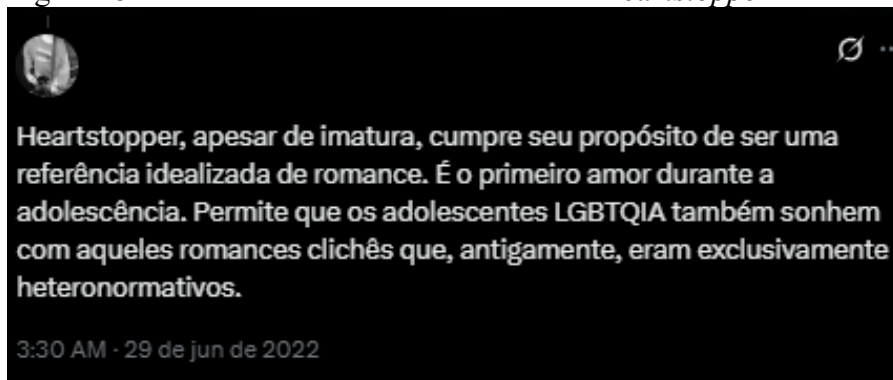
Figura 13 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*



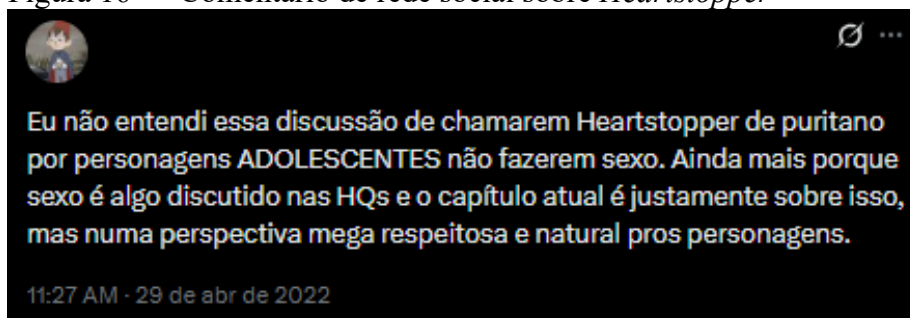
Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 14 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*

Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 15 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*

Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 16 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*

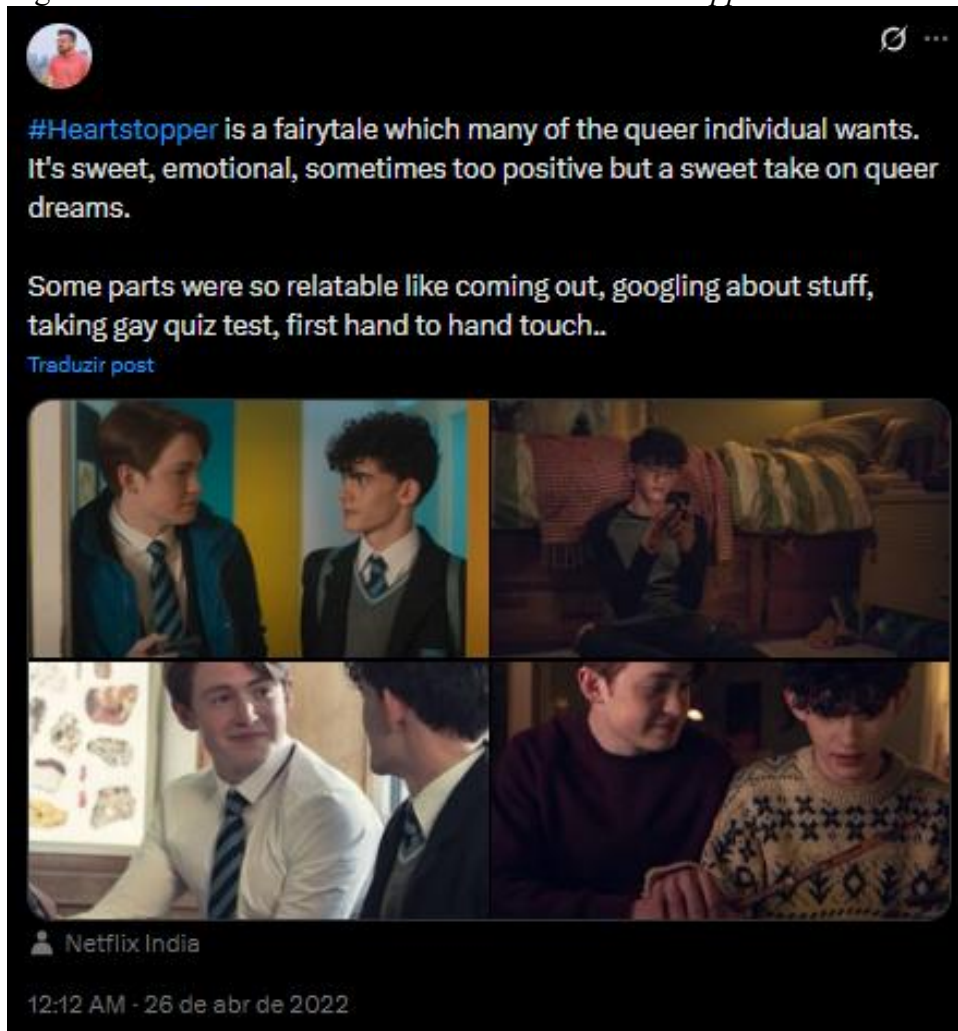
Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 17 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*



Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 18 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*



Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Figura 19 — Comentário de rede social sobre *Heartstopper*



Fonte: imagem elaborada pela autora por meio da rede social X (ex Twitter).

Nesse aspecto, conforme apresentei na seção anterior, para a roda de conversa foi escolhida uma cena de cada série a ser exibida aos estudantes antes da discussão, sendo a de *Euphoria* (2019) uma cena do episódio 6 (“*The Next Episode*”, 15min-16min17s) da temporada 1, e a de *Heartstopper* (2022) uma cena do episódio 3 (“*Kiss*”, 4min50s-6min40s) da temporada 1, pontuando que estas foram exibidas nessa ordem aos estudantes por nenhuma razão específica, mas se refletiu na forma como as perguntas do roteiro foram conduzidas e em como os estudantes as responderam depois. Quanto às cenas propriamente, a de *Euphoria* (2019) retrata um breve momento em uma festa de Halloween na casa de algum colega de escola da personagem principal, Rue: nesse contexto, Jules está bebendo vodca e dançando enquanto Rue está sentada no sofá, sóbria de qualquer tipo de droga e de álcool, ao lado de sua amiga Lexi (Maude Apatow), observando Jules e pensando que alguma coisa está fora do lugar com ela, gerando o seguinte diálogo:

Lexi: Ela está bem?
 Rue: Eu não sei.
 Lexi: Ela costuma beber?
 Rue: Não.
 Lexi: Algo realmente está acontecendo.
 [Rue suspira]

Lexi: Isso deve ser estranho.

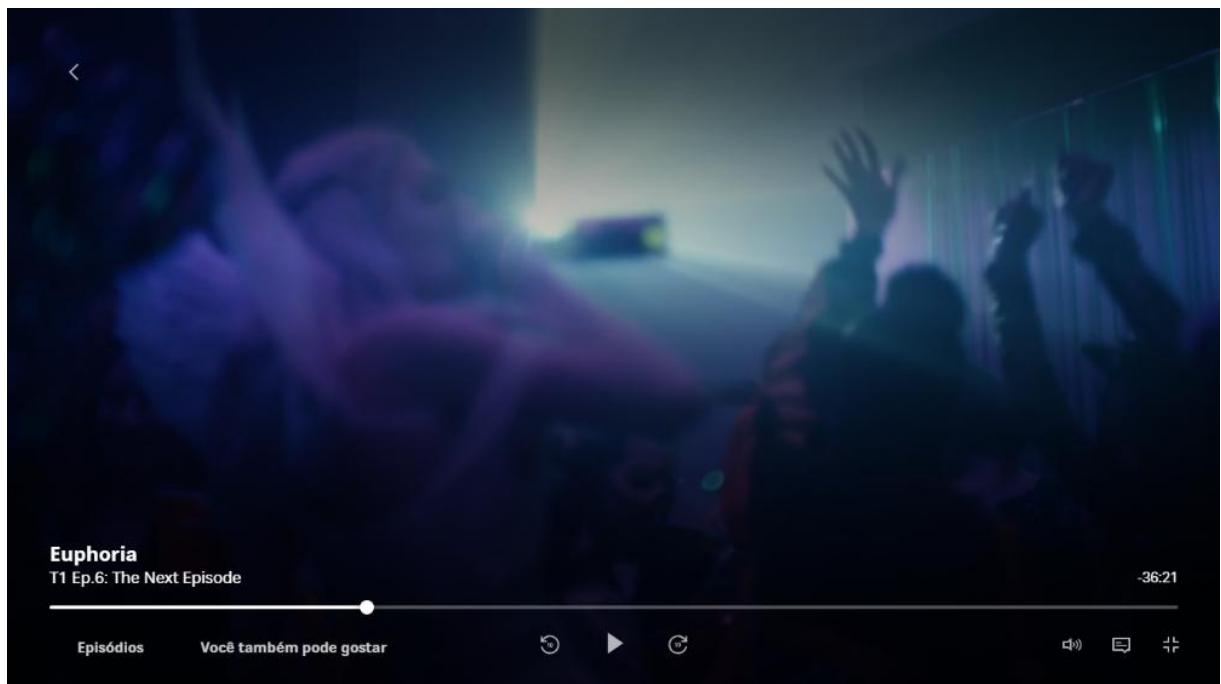
Rue: O quê?

Lexi: Tipo, ser adolescente, mas sem realmente poder fazer coisas de adolescente.

Rue: Bem, quando for adulta, também não vou poder fazer coisas de adultos (Euphoria, 2019, *The next episode*, 15min37s, transcrição livre).

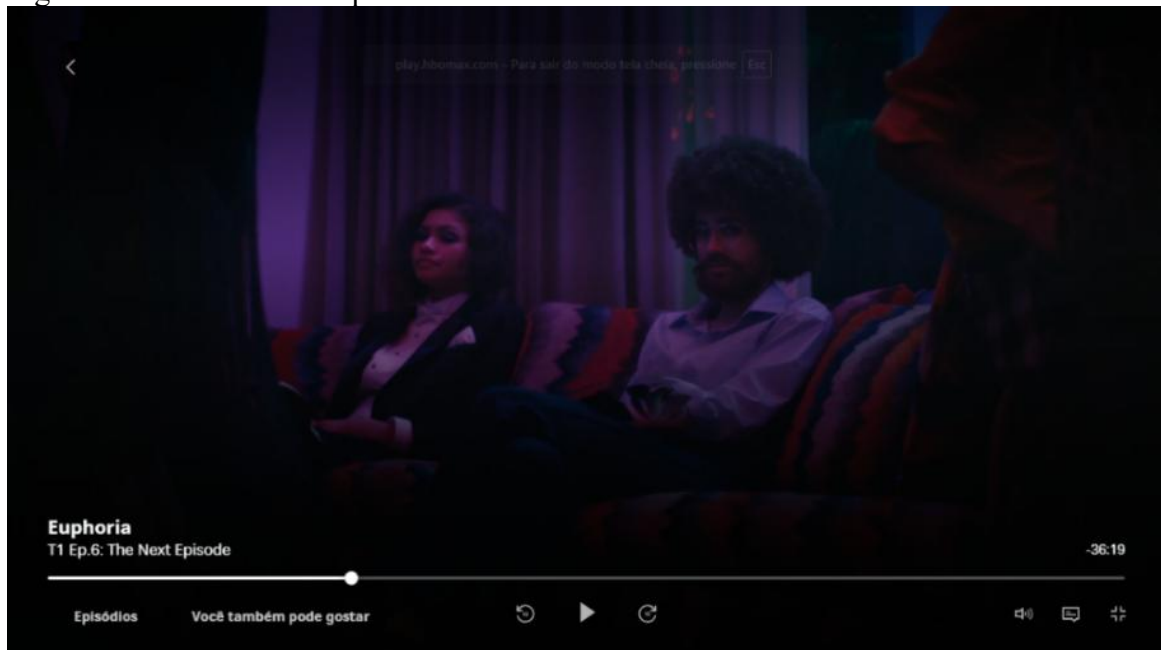
Em seguida, Rue e Lexi veem Gia (Storm Reid), irmã mais nova de Rue, fumando com um outro menino, que está oferecendo o cigarro para ela, e afastam ele de Gia, levando-o a outro cômodo para conversar a sós. Paralelamente a esses acontecimentos, a cena mostra a personagem Cassie na festa sem o McKay (seu atual namorado) e, por conta de acontecimentos da noite anterior, ela está chateada com ele, porém não deixam de trocar mensagens pelo celular, na tentativa de se reconciliarem, ainda que escritas incorretamente por ela estar bêbada; no momento seguinte, o personagem Daniel (Kean Johnson), que está interessado na Cassie, surge para se aproveitar da situação se aproximar dela.

Figura 20 – Momento da festa em que Jules está bebendo



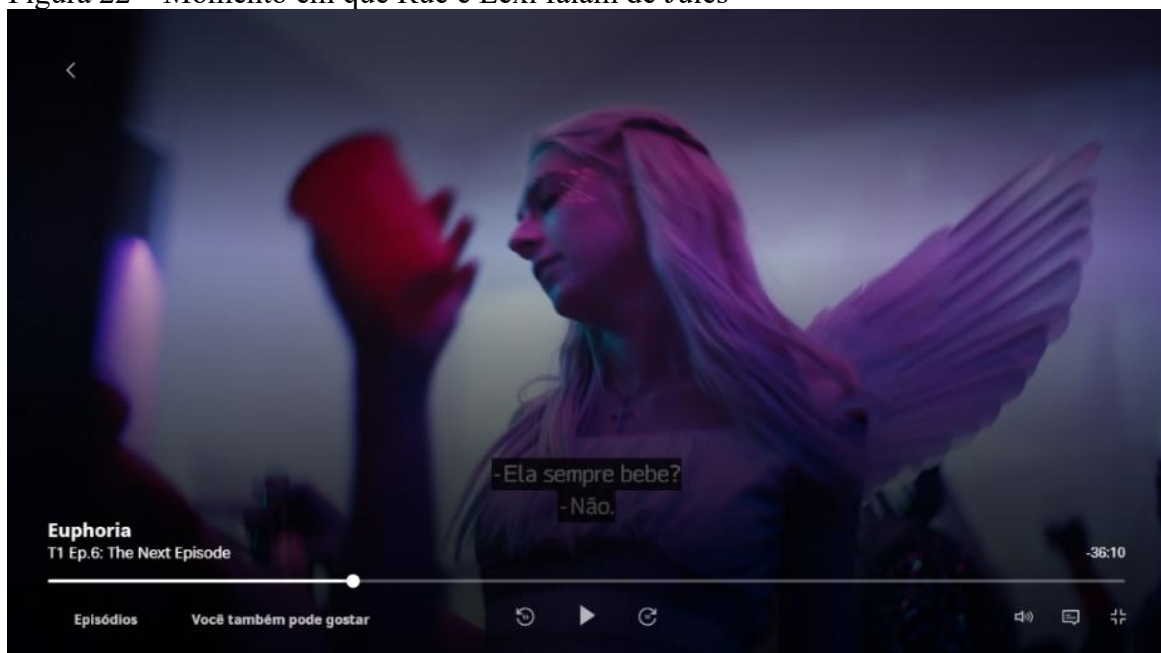
Fonte: Euphoria (2019, *The next episode*, 19min17s).

Figura 21 – Momento em que Rue e Lexi estão conversando



Fonte: (2019, *The next episode*, 19min20s).

Figura 22 – Momento em que Rue e Lexi falam de Jules



Fonte: (2019, *The next episode*, 19min10s).

Quanto à *Heartstopper* (2022), o contexto da cena é a festa de aniversário de um amigo do personagem Nick, que convida Charlie para essa festa e combina de o encontrar lá mesmo, dentro do ambiente. Para tal, Charlie é levado até o local por seu pai (Julio Spring [Joseph Balderrama]), de carro, onde há o seguinte diálogo:

Julio: Te busco às 22h, tudo bem?

Charlie: Não pode ser às 23h?
 Julio: Não, às 22h é tarde o suficiente.
 Charlie: Tudo bem.
 Julio: Charlie...
 Charlie: Sim?
 Julio: Me ligue se precisar de mim, tá bom?
 Charlie: Liguei. Obrigado, pai (Heartstopper, 2022, *Kiss*, 4min55s, transcrição livre).

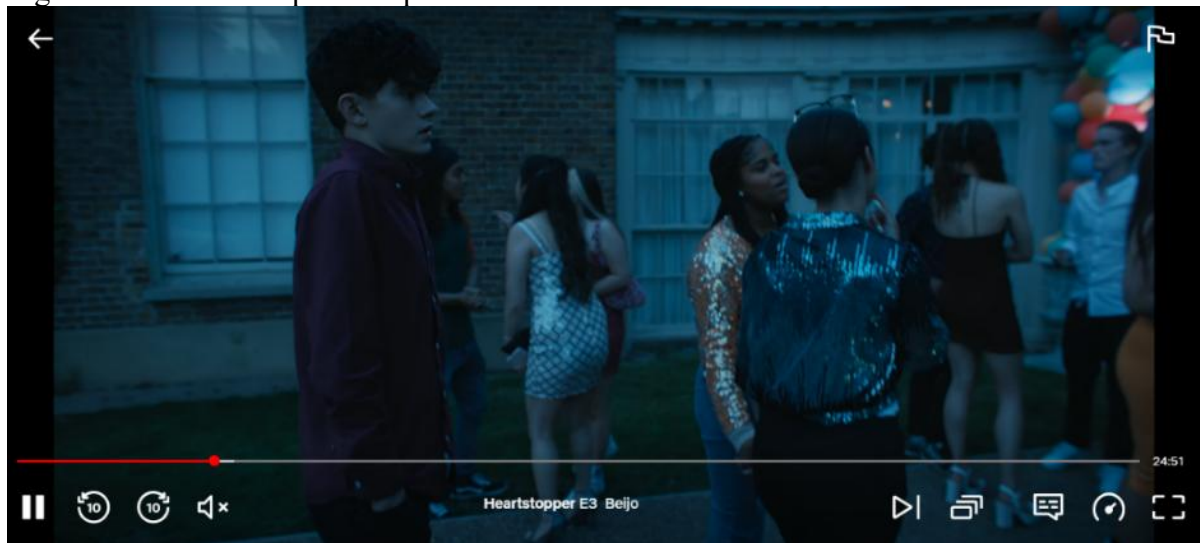
Em seguida, a cena mostra Charlie adentrando sozinho na festa, procurando por Nick em diversos ambientes, passando por muitas pessoas (a maioria da mesma faixa etária) que não conhece; enquanto isso, Nick está na pista de dança, onde há mais pessoas, esperando Charlie chegar, também o procurando com o olhar entre uma conversa e outra com os amigos. Então, a cena termina quando Charlie chega na pista de dança e vê Nick, que também o vê, e começa a andar em sua direção – dizendo, ao mesmo tempo, quando se encontram: “Eu estava procurando você” (Heartstopper, 2022, *Kiss*, 6min40s, transcrição livre).

Figura 23 – Festa em um panorama geral



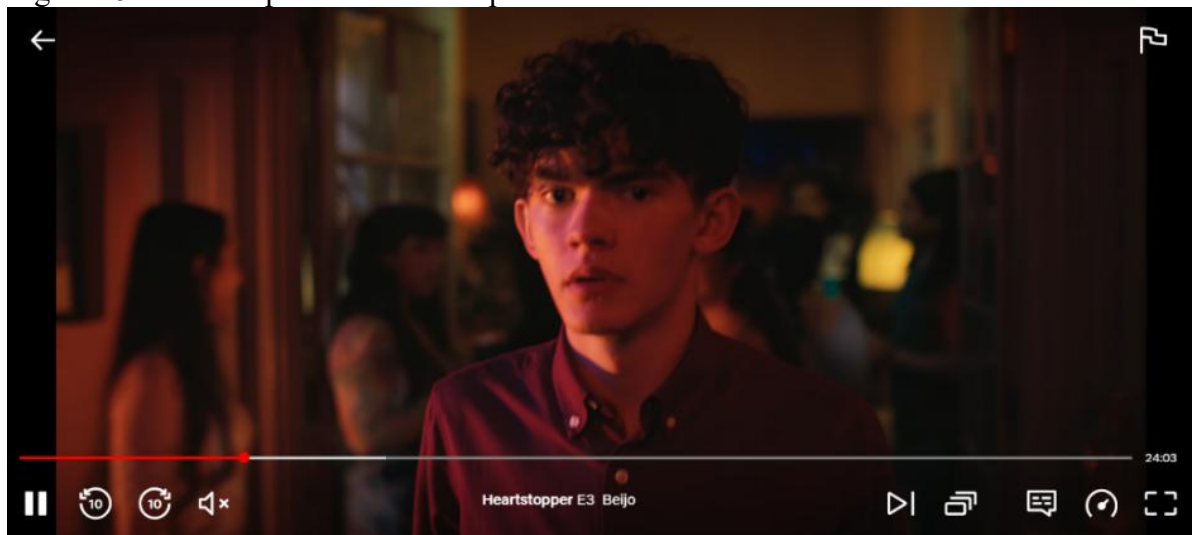
Fonte: Heartstopper (2022, *Kiss*, 6min24s).

Figura 24 – Charlie esperando para entrar na festa



Fonte: Heartstopper (2022, *Kiss*, 6min30s).

Figura 25 – Charlie procurando Nick pela festa



Fonte: Heartstopper (2022, *Kiss*, 6min03s).

Em um âmbito geral, essas cenas foram escolhidas com o propósito de mostrar brevemente as diferentes formas com que adolescentes podem se vestir e se portar em uma festa que foi feita para eles – ou seja, não há uma “vistoria” ou “supervisão” de alguma figura de autoridade (como pai e mãe, por exemplo) para lhes dizer o que devem ou não devem fazer. Apesar de uma cena ser em uma festa de aniversário e a outra em uma festa de halloween, vejo que, esteticamente, são mais próximas entre si do que outras cenas, para que a análise seja feita com mais rigor – também pensando que não me proponho a destrinchar o contexto de cada personagem apresentado em *Euphoria* (2019) ou em *Heartstopper* (2022), o que demandaria outro modelo de trabalho científico e metodológico. Ainda que muito distintas, são cenas regadas por muita música, conversas indistinguíveis, aglomeração de pessoas desconhecidas e

iluminação colorida (e bebida alcoólica, no caso de *Euphoria*), dando um ritmo mais frenético, experiencial e de emoções conflitantes para as personagens.

Ainda, é válido ressaltar que encontrar uma cena que não fosse classificada como +18 anos para apresentar aos estudantes foi a principal motivação para a escolha feita, mesmo *Heartstopper* (2022) sendo classificada para maiores de 12 anos: em um panorama geral, ambas produções retratam a adolescência conforme ela é, com conflitos e nuances diversas, ainda que comuns da realidade de sujeitos dessa faixa etária; porém, conforme o *Guia Prático de Audiovisual, Aplicativos e RPG* (2025), organizado pela Secretaria Nacional dos Direitos Digitais (Sedigi), devido a *Euphoria* (2019) se tratar de obra audiovisual com cenas com drogas ilícitas, violência extrema e sexo explícito durante todos os episódios, deve ser classificada como obra para telespectadores maiores de 18 anos. Nesse sentido, busquei uma cena que não retratasse essas situações, limitando-se apenas ao consumo de droga lícita – permitindo a classificação enquanto recomendada para telespectadores maiores de 12 anos, como foi o caso dos estudantes de ensino médio com quem conversei.

Posto isso, de uma maneira ou de outra, está claro que a proposta principal dos dois seriados é a de representar a juventude de seu tempo – contudo, é válido ressaltar que, apesar da proposta, não representam a juventude atual, conforme apontaram os estudantes com quem realizei a roda de conversa. Ou seja, por mais que sejam notavelmente diferentes, a adolescência e todas as questões acerca dessa fase são o ponto principal das tramas apresentadas: relacionamentos conturbados, violência, transtornos, preconceito, *bullying*, uso de substâncias, romances fracassados, conflitos familiares, vícios... todos esses tópicos são abordados em *Euphoria* (2019) e em *Heartstopper* (2022), ainda que de maneiras distintas, de modo a retratar a realidade da forma mais fidedigna possível, com altos e baixos. Ainda que se trate de obras fictícias – fato explícito em ambas as produções, por conta da própria construção das séries –, há diversos momentos em que a história é realista a ponto de fazer o telespectador sentir que está vendo um retrato de si mesmo, ou de alguém real muito próximo, desenrolando-se na ficção – dessa forma, não parecendo mais tão ficcional quanto no princípio.

Quando escolhi essas séries para a minha pesquisa, a proposta inicial era analisá-las em comparação ao que presenciei durante toda minha vida quanto à juventude, com destaque para o período da adolescência: discussões, debates, relatos e vivências minhas e de pessoas ao meu entorno. Desse modo, quando surgiu a oportunidade de fazer uma roda de conversa com estudantes do ensino médio, pensei que haveria uma certa conexão instantânea desses estudantes para com os personagens dos seriados – talvez não uma conexão plena, por saber retratam vivências em países bem distintos do Brasil, mas em alto nível –, inclusive pelo fato

de serem amplamente consumidos por adolescentes das mais variadas idades, desde os 12 até os 18 anos. Contudo, com o decorrer da roda de conversa, logo conclui que a identificação com as histórias foi a menor das questões levantadas pelos alunos, ao menos da maneira que tinha pensado: se eu acreditei que eles não se identificariam com *Euphoria* (2019) por se tratar de uma representação adolescente muito “adultizada” (com um elenco adulto e grande liberdade, por exemplo), a não-identificação surgiu porque os personagens, na verdade, não trabalhavam, não se preocupavam com a escola e nem com a família.

Entretanto, durante a própria roda de conversa, os alunos mencionaram a série brasileira *Segunda Chamada* (2019-2021), produzida pela Rede Globo e exibida, primeiramente, na plataforma de *streaming* Globoplay, enquanto uma produção mais representativa da juventude, pois se identificavam muito mais com os personagens e as vivências dessa série do que com as de *Heartstopper* (2022) e/ou *Euphoria* (2019), por conta da imagética do trabalho, da família e da escola na história, mesmo que não aborde necessariamente a vida de personagens adolescentes lidando com problemas, questões e conflitos mais característicos dessa fase – como acontece em grande parte das produções estrangeiras. Quanto a esse tópico e a série *Segunda Chamada* (2019-2021), discorrerei melhor na próxima seção deste trabalho.

Nesse momento, é válido pontuar que foram os estudantes, durante a roda de conversa, que alteraram completamente o rumo do diálogo que eu pretendia estabelecer, a partir do caminho que suas respostas às minhas perguntas seguiram: enquanto comecei meu trabalho preocupada com a representação hipersexualizada de adolescentes na mídia atual, a primeira questão levantada pelos alunos foi a falta de representação de adolescentes trabalhando e estudando devidamente em *Euphoria* (2019) e em *Heartstopper* (2022), além de outros filmes e séries estrangeiros que seguem o mesmo padrão. Respondendo à segunda pergunta proposta, uma das participantes comentou por volta do seguinte:

Não, porque em filmes e séries adolescentes os personagens estão bebendo, fumando, vivendo (entre outros), mas você vê que as pessoas têm meio que tudo de mão beijada, que, na maioria dos filmes, parece que tudo vem mais fácil. Parece até que eles não estudam! [...] Parece que, na maior parte dos filmes, em um contexto mais geral, tudo é mais simples [...] (Fala de aluno).

Outro estudante ainda acrescentou, concordando com a colega: “*Isso aí é um estereótipo, rapaziada. [...] É, esquecem que a gente trabalha, né?*” (Fala de aluno). Nesse ponto, todo o diálogo foi focado na maneira com que séries e filmes, para o público adolescente, falham em retratar, verdadeiramente, os jovens da vida real: para além das festas, dos romances e das aventuras, há a escola, o trabalho, os afazeres domésticos e demais responsabilidades que

não são exploradas enquanto parte principal da vida desses personagens, como acontece na realidade, e são deixadas somente como plano de fundo para as “experiências da juventude”.

Assim, apesar de o foco da conversa ter se mantido na falta de realidade nos estilos de vida dos personagens de *Euphoria* (2019) e de *Heartstopper* (2022) (ao menos em comparação com a realidade brasileira), mais ao final da roda de conversa, também houve incômodo sobre o modo como personagens adolescentes eram fisicamente representados nessas obras audiovisuais adolescentes, visto que suas maiores preocupações sempre pareciam se voltar para a aparência, compromissos sociais e relacionamentos – deixando de lado os problemas da vida real, conforme já mencionei. Ainda que não tenha sido possível debater com mais profundidade esse assunto em específico, é relevante pontuar que a representação infantil e adolescente na mídia atualmente não é mera coincidência, mas, sim, resultado de um conjunto de vieses sociais e políticos que pretendem construir um ideal de sujeito favorável às normas estruturais vigentes, que caiba nos padrões pré-estabelecidos.

Na obra *O Efeito Lolita: a Sexualização das Adolescentes pela Mídia, e o que Podemos Fazer Diante Disso*, de 2009, a pesquisadora Meenakshi Gigi Durham disserta sobre a hipersexualização feminina na infância e na adolescência, apresentando de que maneira está presente nos mais variados âmbitos da sociedade – porém, com um destaque para as mídias da época: revistas, propagandas, televisão, música e cinema –, como isso é um ideal construído e perpetuado socialmente, como essa ideia hipersexualizada de padrão estético é danosa para o desenvolvimento dessas meninas e, conjuntamente, ainda desenvolve o conceito que cunhou para explicar esse fenômeno, denominado como “Efeito Lolita” – além de mostrar maneiras de como lidar com esse fenômeno de forma segura e eficaz. Durham (2009) pontua, durante todo o texto, que crianças e adolescentes (principalmente meninas, foco de sua pesquisa, mas também meninos) precisam ser bem representadas na mídia para que tenham um melhor desenvolvimento cognitivo e intelectual, com uma boa noção de autoimagem, autopreservação e criticidade acerca dos padrões de beleza e comportamento socialmente impostos, para que esses sujeitos desenvolvam autonomia sobre sua própria imagem e trilhem seus próprios caminhos experienciais de modo saudável e seguro. Portanto, a autora apresenta os ideais estéticos glorificados na época (que seriam da “garota lolita”, advindos da ideia perpetuada pela personagem Lolita, do romance de Vladimir Nabokov) e tece críticas sobre as representações de feminilidade destinadas para meninas, que continham sempre um corpo magro e voluptuoso, roupas mais curtas e poses sensuais – ainda que as modelos também fossem crianças ou adolescentes.

O espetáculo do Efeito Lolita influencia os relacionamentos que as garotas têm umas com as outras e o modo como se relacionam consigo mesmas. A autora do popular livro *Queen Bees and Wannabees*, Rosalind Wiseman, observa: ‘As garotas sabem que são manipuladas pela mídia para que imponham a si mesmas um padrão impossível de beleza, mas isso não as impede de aceitar essa imposição, de qualquer forma.’ Elas são severamente críticas em relação às escolhas de vestuário de outras garotas, ao corpo destas, às suas atitudes, bem como às de si próprias. Elas passam fome a fim de ter o corpo ideal; andam cambaleantes sobre saltos altos que lhes machucam os pés; gastam seu dinheiro com tratamentos de pele, cosméticos e, cada vez mais, com cirurgias plásticas para ficar mais parecidas com o espetáculo. O espetáculo afeta o modo como elas veem umas às outras, como elas veem a si mesmas e como os outros as veem (Durham, 2009, p. 187-188).

Ainda que neste trabalho não falemos sobre sexualização do corpo adolescente, como fora a primeira proposta, este não deixa de ser um problema real: o “Efeito Lolita” é um fenômeno que afeta jovens de todas as classes, raças e etnias, ainda que de maneiras distintas – para algumas, é a pressão para manter-se magra desde a primeira infância e, para outras, é a exposição do próprio corpo para a subsistência, por exemplo. Para além disso, as preocupações apresentadas por Durham (2009) acerca da representação feminina na mídia são as mesmas que exponho na minha pesquisa: ainda que não seja completamente irreal, a juventude não é e nem deveria ser retratada pela mídia conforme é atualmente, que sequer tenta abarcar diferentes realidades e performances de juventude vistas pelo mundo, limitando-se apenas aos jovens de classes abastadas dos países centrais. Enquanto Durham (2009) está preocupada com a representação feminina especificamente, este trabalho se preocupa com a representação juvenil, com foco em obras audiovisuais atuais: seriados, filmes e novelas, para televisão, cinema e/ou plataformas de *streaming*. Portanto, é necessário concordar com ela quando disse que a representação de crianças e adolescentes deve ser feita com a intenção de enaltecer essa fase da vida como ela é de fato, e não para rebaixar esses sujeitos por conta de aparência física (como peso, formato do corpo, cor da pele, cabelos), personalidade e sexualidade.

Essas roupas *sexies* e o conceito de sexualidade das garotas por trás delas são projeções adultas sobre a vida das garotas. As crianças e as adolescentes não apresentam essas marcas de sexualidade feminina. Essas são fantasias adultas vendidas às crianças, e a todos nós. O desejo de rejeitar os acessórios de vestuário do trabalho ligado ao sexo como símbolos da sexualidade das garotas não é o mesmo que querer reprimir ou censurar a sexualidade delas. Minha crítica, na verdade, tem a intenção de buscar concepções novas, progressistas e dinâmicas da sexualidade das garotas, que não estejam associadas com trabalho ligado ao sexo. Precisamos de versões da sexualidade das adolescentes que sejam completamente dissociadas do sexo comercial (Durham, 2009, p. 212).

Apesar de Durham se voltar para a sexualização de meninas, sua fala se estende para toda a representação de crianças e adolescentes, independentemente do gênero. A imagem do

jovem que é, ao mesmo tempo, dentro e fora do padrão, tem um corpo desejável, uma postura empoderada e pensamentos “maduros” para sua idade, trata-se de mera idealização construída para o público adulto que a consome, consequentemente perpetuando-a para jovens da vida real enquanto a melhor juventude possível, como verdadeiramente deve ser. Sendo assim, identificar-se com personagens de séries de TV/*streaming* é de suma importância nessa fase, visto que é a partir das representações em obras audiovisuais que o adolescente começa a desenvolver sua própria perspectiva crítica sobre a realidade, a determinar certas preferências e limites, a imaginar seu futuro e visualizar como é lido socialmente e, por isso, é essencial que as personagens reflitam a juventude real, não a ideia comercial do que esta deveria ser: mais responsabilidades e diálogos, menos festas e liberdade. Por fim, ainda acrescento:

Precisamos de um maior diálogo e de uma troca de ideias públicas sobre essas questões, sem que haja uma polarização moral e política entre pessoas de postura liberal e conservadora. Temos de adotar uma atitude holística e compreender que, se dermos demasiada importância às questões semânticas para saber se as representações comerciais da mídia são ou não pornográficas, estaremos tomando a árvore pela floresta: temos de colocar as garotas em primeiro plano e trabalhar por um mundo que esteja a serviço dos seus interesses (Durham, 2009, p. 220).

4 INÚMERAS FORMAS DE JUVENTUDE: *SEGUNDA CHAMADA* ENQUANTO TERCEIRO PONTO DE VISTA

Seguindo o que foi trabalhado na seção anterior, apesar do enorme sucesso e repercussão de ambas as produções, os seriados *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022) não representam a juventude contemporânea em sua totalidade, principalmente em cenários fora dos Estados Unidos e do Reino Unido, onde as obras se passam, de maneira respectiva – segundo o que foi discutido na roda de conversa que realizei com os estudantes do terceiro ano do ensino médio –, por se pautarem em questões, características e preocupações mais específicas da juventude desses lugares e, por consequência, não conseguem se conectar com outras juventudes de realidades muito distintas às apresentadas nos seriados. Ainda, de acordo com os estudantes, outras produções midiáticas estrangeiras destinadas ao público adolescente (como filmes, novelas e outras séries) também não são totalmente representativas, por não abordarem a escola, o trabalho e as responsabilidades familiares de maneira recorrente na obra, deixando esses assuntos em segundo plano na narrativa.

Assim, por mais que haja inúmeras obras audiovisuais para a juventude contemporânea – e não apenas para essa, mas para as de épocas anteriores também –, estas não abarcam todas as particularidades vividas por cada adolescente em todos os lugares do planeta, limitando-se apenas a reproduzir o comportamento predominante nos países centrais. Essa foi a questão principal levantada pelos estudantes durante a nossa conversa e, em decorrência disso, eles mencionaram o nome de uma terceira série, a qual eu sequer tinha cogitado para esta pesquisa: *Segunda Chamada* (2019).

Portanto, *Segunda Chamada* trata-se de uma série brasileira original para a plataforma de *streaming* Globoplay, da Globo, lançada em 2019 e que, atualmente, conta com duas temporadas (totalizando 17 episódios, 11 na primeira e 6 na segunda) – estando ainda em produção. Em suma, relata o cotidiano do período noturno da Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, em que ocorre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), perpassando pelas histórias e vivências de alguns estudantes e do corpo escolar, com destaque para o diretor Jaci e os professores Lúcia, Eliete, Marco André e Sônia – interpretados, respectivamente, por Paulo Gorgulho, Débora Bloch, Thalita Carauta, Silvio Guindane e Hermila Guedes. Para além das questões dos estudantes, a obra se inicia com o retorno da professora Lúcia à escola após anos afastada, para lecionar em turmas de EJA e já lidando com percalços, conflitos e problemas dos discentes, e com o primeiro dia de aula de Marco André enquanto novo professor de Artes no EJA, também sendo essa a sua primeira vez lecionando em uma escola; paralelamente, ao longo

da obra são apresentados mais detalhes acerca da vida desses professores e dos demais que compõem o corpo escolar – como questões no casamento, de luto, assédio e outros problemas. Toda a trama envolve, por fim, transformar a vida social dos estudantes e dos professores através da educação.

Figura 26 — Poster de *Segunda Chamada*



Fonte: Globoplay (2019).

Conforme comentado, essa obra surgiu na roda de conversa enquanto uma recomendação dos estudantes para mim sobre séries que eles sentiram que realmente os refletia: segundo suas falas, *Segunda Chamada* (2019) representava a juventude por mostrar personagens conciliando estudos e trabalho, mas sem apontar um enquanto mais fácil do que o outro (a dificuldade era apresentada no mesmo nível); lidando com suas questões pessoais, como maternidade, gravidez, sexualidade, assédio, relacionamento tóxico, subemprego, uso de drogas, conflitos religiosos e demais assuntos que poderiam ou não adentrar diretamente no ambiente escolar – no caso da série, se essas questões surgissem na escola, os professores se punham a auxiliar o estudante sem medir consequências – e, ainda, por ser uma série ambientada no Brasil, em uma escola estadual que passa por diversas dificuldades financeiras, estruturais, institucionais e sociais, tal como inúmeras escolas que se encontra pelo país – incluindo a E.E. de Uberlândia, em certa instância.

Entretanto, algo que me chamou a atenção desde o começo foi o fato de os estudantes se identificarem com uma produção que não necessariamente falava com o público adolescente, apesar da classificação etária para maiores de 16 anos, visto que tinha personagens adultos, um

elenco adulto e focava muito mais “em problemas adultos” (casamento, maternidade/paternidade, emprego, retorno aos estudos etc.). Ou seja, na minha observação inicial, havia muito mais semelhanças entre aqueles jovens adolescentes com as produções *Heartstopper* (2022) e *Euphoria* (2019) (e demais obras, semelhantes a essas) do que com *Segunda Chamada* (2019), pois, partindo da minha experiência, os temas trabalhados nas duas primeiras séries tinham muito mais conexão com a realidade adolescente, já que abordam sexualidade (descoberta sexual e primeiras experiências), amizade, conflitos familiares e relações amorosas, por exemplo, também no ambiente escolar – além de apresentar personagens adolescentes, ainda que o elenco seja jovem adulto.

Esses foram os pensamentos com que comecei a roda de conversa, porém, alguns minutos de debate já me fizeram perceber o quanto, naquele contexto, eu estava enganada: por mais que *Heartstopper* (2022) e *Euphoria* (2019) sejam teoricamente mais semelhantes à vida dos estudantes, na prática *Segunda Chamada* (2019) apresenta uma realidade muito mais concreta, verídica e com sentido quando comparada à vida dos estudantes – não apenas em comparação com suas próprias vivências, mas com as vivências de pessoas ao entorno também, como pais, mães, familiares, amigos e colegas.

Nesse sentido, como *Segunda Chamada* (2019) se trata de uma obra mencionada já durante a roda de conversa, não foi possível a apresentar primeiro aos estudantes, nem a inserir às dez questões desenvolvidas para orientar a roda, para depois debatermos, como fiz com *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022). Assim, não há cenas específicas que foram assistidas, comentadas ou debatidas conjuntamente durante esta pesquisa, visto que assisti a primeira temporada de *Segunda Chamada* (2019) apenas com a intenção de me ambientar com o que é entendido pelos estudantes enquanto uma “série representativa para a juventude”, e tornar equivalente, de certo modo, a minha análise dessa obra para com as análises das outras duas produções. Porém, é importante pontuar que, logo nos primeiros episódios compreendi o porquê de essa série ser muito mais significativa e cheia de representatividade aos jovens com quem conversei: em suma, de um jeito ou de outro, a realidade dos personagens de *Segunda Chamada* (2019) faz muito mais sentido do que a realidade dos personagens em *Heartstopper* (2022) e em *Euphoria* (2019) – mesmo que os alunos interlocutores não sejam estudantes do EJA nem estudem durante o turno noturno na escola.

Nesse aspecto, cai-se novamente na ideia de juventude apresentada por Pierre Bourdieu (1983) na entrevista “A ‘Juventude’ é Apenas uma Palavra”, trabalhada nas seções anteriores: a juventude é uma categoria ampla, diversa e múltipla, que abarca sujeitos de variadas realidades, de diferentes contextos sociais e de uma grande gama de idades – desde o

adolescente de 12 anos, que estuda em escola privada e faz vários cursos particulares, passando pelo adolescente de 16 anos que deixou a escola para cuidar dos irmãos mais novos, até o jovem adulto, de 18 anos, que precisa sair da escola mais cedo para entrar no trabalho e agregar a renda familiar. Ou seja, é impossível tentar categorizar uma gama tão diversa de pessoas em uma nomenclatura que visa a perpetuar somente um ideal do que é ser jovem de fato (Bourdieu, 1983). Assim, no texto “Juventude(s) e Mundo do Trabalho: Uma Reflexão”, as autoras Luciana Fraga Hoppe e Ana Sara Castaman (2025, p. 11) pontuam o seguinte:

Imersos na sociedade capitalista, dominada por poucos que exploram todo o restante, a vida dos jovens pode ser bastante intrincada. Para muitos, o período da juventude pode ser ‘[...] de dificuldades concretas de sobrevivência, de tensões com as instituições, como no caso do trabalho e da escola’ (Dayrell, 2003, p. 50). A relação dos jovens de origem menos privilegiada com o mercado de trabalho expressa o que ocorre hoje na sociedade brasileira, a qual desenvolve uma massa de pessoas à margem do desenvolvimento econômico e que tem poucas chances de ser incluída ou reincluída nele.

Em especial quando pensamos no contexto latino-americano, a juventude está diretamente conectada com o mercado de trabalho: no Brasil, de acordo com os dados liberados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) (2025), em reportagem de Peters, Renaux e Pirrho (2025),

Entre as pessoas de 16 e 17 anos em situação de trabalho infantil, em 2024, 22,2% trabalharam até 14 horas por semana e quase metade (49,2%), mais de 25 horas, sendo que 30,3% por 40 horas ou mais. Entre os adolescentes de 14 e 15 anos, 41,4% trabalharam até 14 horas e 29,0%, de 15 a 24 horas.

Em outros termos, ao conciliar o tempo de trabalho com o tempo do estudo, nenhuma das duas atividades é realizada da forma correta pelo jovem, pois este se encontra em constante estado de exaustão física, mental e emocional; ainda, quando é necessário colocar na balança o trabalho e a escola, o trabalho termina por ser escolhido na maioria das vezes, já que está atrelado à renda da casa e ao sustento da família, enquanto a escola é posta como segunda ou terceira opção.

Figura 27 — Título de matéria do PNAD Contínua
PNAD Contínua

País tinha 1,650 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil em 2024

Editoria: **Estatísticas Sociais** | Jana Peters, Pedro Renaux e Sabrina Pirrho | Arte: Licia Rubinstein

19/09/2025 10h00 | Atualizado em 23/09/2025 09h37



Fonte: Peters, Renaux e Pirrho (2025).

Em *Segunda Chamada* (2019), os personagens precisam trabalhar porque, sem trabalho, não conseguem se sustentar nem sustentar seus dependentes. Mesmo que não seja o caso de toda a juventude brasileira, o trabalho nunca é visto como uma simples opção, como um “passatempo” ou “atividade de férias” (como é amplamente apresentado em obras midiáticas para adolescentes, enquanto amostra da realidade da juventude no norte global), mas, sim, como meio de melhorar sua qualidade de vida dentro de pouco tempo – mais do que os estudos, apesar da ampla consciência de que estudar pode acarretar uma profissão financeiramente superior do que não estudar. Contudo, não é devido à necessidade de trabalhar e à ideia de que, trabalhando, a realidade pode melhorar, que esses jovens deixam de nutrir sonhos de carreira: tanto na ficção quanto na realidade, grande parte deseja adentrar na graduação e exercer uma profissão que realmente a interesse; a questão é que isso se torna um privilégio de poucos, dos jovens de classes sociais abastadas, enquanto os jovens da classes social proletária postergam esse momento até que tenham o mínimo de estabilidade para conseguir apenas estudar – ou que encontrem um trabalho que permita estudar mais, ou que precisem se dedicar somente ao estudo e ao cuidado familiar (diminuindo, assim, uma parte da sua carga pessoal).

Como forma de ilustrar, no episódio 3 da temporada 1 de *Segunda Chamada* (2019), estudantes do EJA da E. E. Carolina Maria de Jesus participam de um concurso de redação em que o prêmio é uma bolsa de estudos integral para um ano de cursinho pré-vestibular; nesse contexto, a aluna Gislaine (Mariana Nunes) expressa seu desejo por ganhar a bolsa pois, dessa forma, conseguiria passar no vestibular para o curso de Medicina, o qual sonha em fazer, e deixar a profissão de prostituta, que segue atualmente para conseguir sustentar a si e ao filho pequeno. Nesse mesmo sentido, outro aluno, Maicon Douglas (Felipe Simas), também expressa sua vontade por ganhar a bolsa para conseguir passar no vestibular e seguir a carreira de professor (ainda que não explicita em qual área do conhecimento); em outro episódio da série (Segunda..., 2019, *Episódio 1*), é mostrado que Maicon Douglas trabalha como entregador

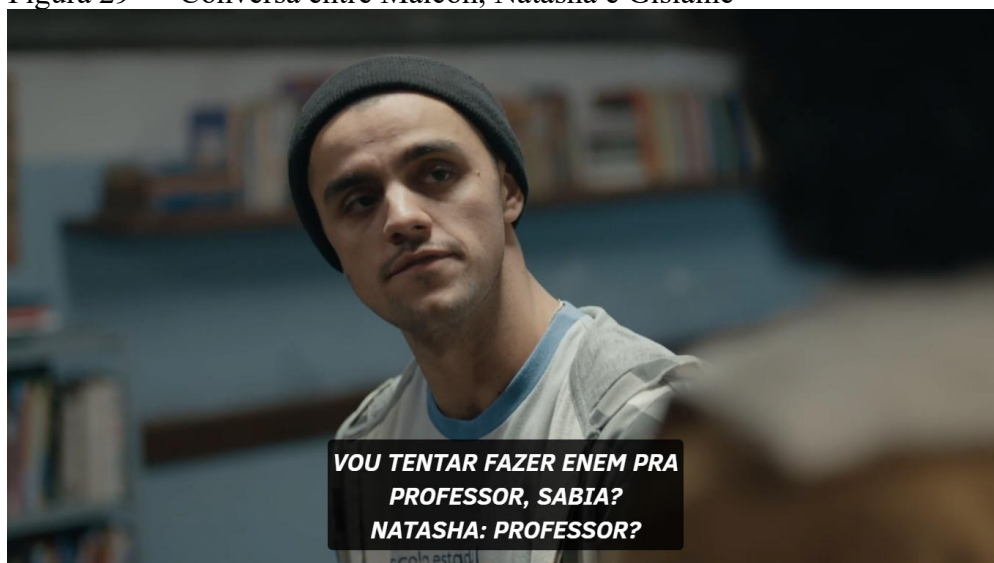
motociclista e chega na escola, à noite, muito cansado por conta do expediente. Esses são exemplos de sujeitos que desejam sair de sua condição atual de trabalho para se dedicarem mais aos estudos e, assim, melhorar sua condição de subsistência. Ao passo em que se trata de uma ficção, com personagens e problemas criados em prol de uma trama específica, é inegável a semelhança dessas situações (e de tantas outras perpassadas na série) com vivências relatadas por estudantes de ensino médio regular e de EJA, sejam sobre eles próprios ou sobre pessoas próximas.

Figura 28 — Conversa entre Maicon, Natasha e Gislaine



Fonte: *Segunda Chamada* (2019, Episódio 3, 5min54s).

Figura 29 — Conversa entre Maicon, Natasha e Gislaine



Fonte: *Segunda Chamada* (2019, Episódio 3, 5min56s).

Figura 30 — Maicon, Natasha e Gislane



Fonte: *Segunda Chamada* (2019, Episódio 3, 6min30s).

Nesse sentido, partindo da roda de conversa, é importante notar que a juventude brasileira deseja, sim, ter uma adolescência “normal”, com festas, amizades, relacionamentos, experiências, liberdade e autonomia, sem precisar se preocupar com trabalho, estudos e/ou família ativamente – tal como aparecem nos filmes, seriados e novelas para o público adolescente. Porém, como isso não acontece com a maioria no país, essas produções estrangeiras, em grande parte, em nada representam a juventude trabalhadora –limitando-se a representar, até certo ponto, a juventude burguesa brasileira; em *Euphoria* (2019) e em *Heartstopper* (2022), por exemplo: mesmo na série (em qualquer uma das duas) mostrando adolescentes fora da elite, as condições financeiras dos personagens parecem ser muito melhores do que as vistas no Brasil. Portanto, essas obras se tornam caricaturas/estereótipos do que deveria ser jovem, distanciando ainda mais os telespectadores brasileiros da realidade de outros países, com vivências, culturas e políticas diferentes acerca da categoria social juventude, ao invés de gerar identificação, aproximá-los de outros jovens e mostrar as inúmeras possibilidades do que se pode fazer durante essa fase da vida.

Desse modo, ainda que o enfoque de *Segunda Chamada* (2019-2021) seja mostrar a realidade de jovens adultos dentro do contexto escolar, a série também permeia outros ambientes na vida de seus estudantes, como casa, trabalho, meio familiar e relações amorosas, da mesma maneira que produções adolescentes se propõem a fazer, porém com personagens adultos e idosos. Assim, por mais que, por parte dos estudantes de terceiro ano do ensino médio não aconteça a identificação com *Segunda Chamada* (2019) partindo da juventude enquanto

faixa etária – visto que são sujeitos de 16 a 18 anos, notavelmente mais novos do que os personagens principais da série –, em seu lugar acontece a identificação dos estudantes partindo da juventude enquanto categoria social.

Ou seja, mesmo sem ter adolescentes como protagonistas, *Segunda Chamada* (2019-2021) ainda foi vista como uma produção mais representativa para esses estudantes por retratar situações próprias de sua realidade; são personagens adultos, sim, mas os estudantes ainda conseguiram se enxergar neles, de modo que a idade não foi um fator relevante. No fim, pensando no que já foi abordado sobre a diferença de idade entre o elenco, os personagens e o público de *Euphoria* (2019) e *Heartstopper* (2022), não há tanta diferença entre um jovem se ver em um seriado adolescente (que terá um elenco adulto e personagens “adultizados”) com situações distantes de sua realidade, e se ver em um seriado adulto (com elenco e personagens adultos, propriamente) com situações próximas de sua realidade.

Portanto, dado o tema principal de *Segunda Chamada* (2019), é inegável ressaltar a importância do EJA para a sociedade brasileira e enfatizar que, apesar de importante e eficaz, ano após ano a modalidade está sendo apagada das escolas públicas por todo o território nacional, pelos mais diversos fatores: falta de investimento governamental, falta de apoio aos novos ingressantes, falta de infraestrutura escolar e falta de políticas públicas de permanência estudantil são apenas alguns deles, mas que consequentemente acarretam muitos outros problemas. Segundo o G1 (2025), “A Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve uma queda de 5,8% no número de matrículas em 2025, em relação ao ano anterior. Só no ensino médio, foram cerca de 130 mil matrículas a menos: de 976.390 em 2024 para 845.627 em 2025”; como um exemplo, ainda que exista o Programa Pé-de-Meia (Brasil, 2024) enquanto política de permanência, este não abarca todos os estudantes do EJA, pois estende-se a estudantes com menos de 20 anos (mesmo que essa seja, atualmente, uma parcela considerável), quando deveria se estender para todos os matriculados, independentemente de idade. De acordo com Maria Clara Di Pierro, em uma entrevista para o Porvir, intitulada como “O que Explica o Enfraquecimento da EJA no Brasil Ano Após Ano?”, a respeito da situação atual do EJA no Brasil:

O segundo fator, que se articula ao primeiro, diz respeito aos erros nas políticas públicas. A falta de prioridade para a EJA, o financiamento insuficiente, a falta de colaboração entre os governos e a gestão equivocada, como oferecer cursos apenas no período noturno quando existem públicos, como as mulheres donas de casa, que teriam maior disponibilidade durante o dia. Além disso, a crescente oferta de EAD (educação a distância) tem seus problemas (Di Pierro, 2025, s.p.).

Figura 31 — A queda de matrículas anuais no EJA ao longo de 12 anos

Matrículas da EJA por ano (de 1996 a 2024)

1996:	2.752.214
1997:	2.881.770 (+ 129.556 matrículas em relação ao ano anterior)
1998:	2.881.231 (- 539 matrículas em relação ao ano anterior)
1999:	3.071.906 (+ 190.675 matrículas em relação ao ano anterior)
2000:	3.410.830 (+ 38.924 matrículas em relação ao ano anterior)
2001:	- 3.777.989 (+ 367.159 matrículas em relação ao ano anterior)
2002:	3.779.593 (+ 1.604 matrículas em relação ao ano anterior)
2003:	4.403.436 (+ 623.843 matrículas em relação ao ano anterior)
2004:	4.577.268 (+ 173.832 matrículas em relação ao ano anterior)
2005:	4.619.409 (+ 42.141 matrículas em relação ao ano anterior)
2006:	4.861.390 (+ 241.981 matrículas em relação ao ano anterior)
2007:	5.034.606 (+ 173.216 matrículas em relação ao ano anterior)
2008:	4.989.808 (- 44.798 matrículas em relação ao ano anterior)
2009:	4.701.245 (- 288.563 matrículas em relação ao ano anterior)
2010:	4.325.587 (- 375.658 matrículas em relação ao ano anterior)
2011:	4.082.528 (- 243.059 matrículas em relação ao ano anterior)
2012:	3.961.925 (- 120.603 matrículas em relação ao ano anterior)
2013:	3.830.207 (- 131.718 matrículas em relação ao ano anterior)
2014:	3.653.530 (- 176.677 matrículas em relação ao ano anterior)
2015:	3.491.869 (- 161.661 matrículas em relação ao ano anterior)
2016:	3.482.174 (- 9.695 matrículas em relação ao ano anterior)
2017:	3.598.716 (+ 116.542 matrículas em relação ao ano anterior)
2018:	3.545.988 (- 52.728 matrículas em relação ao ano anterior)
2019:	3.273.668 (- 272.320 matrículas em relação ao ano anterior)
2020:	3.002.749 (- 270.919 matrículas em relação ao ano anterior)
2021:	2.962.322 (- 40.427 matrículas em relação ao ano anterior)
2022:	2.774.428 (- 187.894 matrículas em relação ao ano anterior)
2023:	2.589.815 (- 184.613 matrículas em relação ao ano anterior)
2024:	2.391.319 (- 198.496 matrículas em relação ao ano anterior)

Fonte: Porvir (2025).

Entretanto, ainda que o EJA esteja passando por esse apagamento institucional, segue uma modalidade de ensino eficiente, que apresenta resultados acerca do processo de ensino-aprendizagem dos jovens que se matriculam, mesmo com todos os percalços – por parte pessoal do estudante e por parte da escola, também. Tanto quanto o ensino básico regular (fundamental e médio) no período noturno, o EJA é de suma importância para o cenário educacional brasileiro, pois consiste em uma porcentagem considerável dos estudantes do país, visto que “Em 2024, o Censo Escolar registrou cerca de 2,4 milhões de matrículas na modalidade, sendo 1,4 milhão no ensino fundamental e 1 milhão no ensino médio” (Fundação Roberto Marinho; Itaú Educação e Trabalho, 2025, p. 25). Dessa maneira, é possível visualizar que há demanda pelo EJA, há público para o EJA – cerca de 29% dos brasileiros de 15 a 64 anos eram considerados analfabetos funcionais, em 2024, segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica (2025) – e terminar o processo escolar pela modalidade EJA também acarreta resultados financeiros positivos. Conforme uma matéria de Jaqueline Suarez, publicada pela Fundação

Roberto Marinho, sobre a pesquisa “Educação de Jovens e Adultos: Acesso, Conclusão e Impactos sobre Empregabilidade e Renda”:

Os resultados indicam que, entre jovens de 19 a 29 anos, concluir a EJA aumenta em 7 pontos percentuais (p.p) as chances de conseguir um emprego formal e eleva, em média, 4,5% a renda mensal do trabalho. O impacto é ainda maior para quem tem entre 19 e 24 anos: nesse grupo, a probabilidade de formalização aumenta para 9,6 pontos percentuais, enquanto a renda mensal aumenta em 7,5% (Suarez, 2025, s.p.).

Por fim, após refletir sobre a roda de conversa que realizei para esta pesquisa, é compreensível a maneira como, dentre duas propostas de seriados televisivos para representação, os estudantes apontaram uma terceira opção como melhor representativa para a forma de juventude que experienciavam. Por mais que, conforme já demonstrei nas seções anteriores, *Heartstopper* (2022) e *Euphoria* (2019) também sejam produções representantes da juventude, não se trata de uma juventude presenciada aqui, no contexto brasileiro, perpassada por trabalho, afazeres domésticos, cuidados familiares e escolares em uma instância que não é comumente abordada em produções estadunidenses e europeias de modo geral (como foi muito bem pontuado pelos estudantes), visto que se tratam de realidades muito distintas, apesar dos pontos em comum da faixa etária – como o desejo por se expressar, a ânsia pela própria liberdade, o medo do futuro e seus conflitos internos. Dessa forma, *Segunda Chamada* (2019) se apresenta enquanto uma representação muito mais palpável na realidade dos alunos com quem conversei, ao mostrar uma juventude (mesmo que mais tardia do que a adolescência) que lida com escola, trabalho, família e ambiente doméstico, fora os próprios conflitos, medos, anseios e confusões, de maneira confluyente, simultânea e agitada, conforme demanda a atualidade e conforme é visto em todos os cantos do Brasil, em mais ou menos intensidade. Para além disso, a própria estética dos personagens em *Segunda Chamada* (2019) é mais próxima, por apresentar vestimentas, visuais, hábitos e comportamentos essencialmente brasileiros, deveras comuns à grande maioria da classe proletária (que abarca os estudantes de escolas públicas) e da população como um todo. Ademais, adicionar *Segunda Chamada* (2019) na minha gama de obras analisadas foi algo não esperado em nenhum momento durante o planejamento deste trabalho, mas uma grande surpresa proporcionada pelos estudantes e encaminhou a minha pesquisa para um rumo que, inicialmente, não estava planejado, o que não deixou de ser menos significativo ou relevante para os meus propósitos pessoais. De outra maneira, apenas me mostrou que ainda há muito mais para esgotar sobre esse assunto do que conseguirei no momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando enquanto ponto de partida as informações que expus nas seções deste trabalho, concluo que a adolescência (real, verdadeira, na prática) é muito mais diversa do que qualquer produção audiovisual se propõe a representar, seja para o público adolescente ou não. Entretanto, acrescento que isso não significa que as produções consideradas adolescentes e/ou juvenis sejam completamente irreais ou falaciosas: cada uma delas possui a sua dose singular de veracidade, ainda que não representem sempre situações verdadeiras (devido ao roteiro, às escolhas do elenco e à carga dramática da obra, por exemplo), visto que existem inúmeras juventudes distintas entre si e, em algum lugar, haverá um jovem que vai se sentir representado pelas vivências dos personagens. Em outras palavras, a questão não é determinar quais séries, filmes e novelas para o público juvenil são totalmente estereotipadas, mas, sim, entender que há muito mais por trás dessas ideias de adolescência e juventude propagadas na televisão, na realidade concreta em que vivemos.

Quando falo do seriado televisivo *Heartstopper* (2022), falo de uma realidade específica sendo representada: a de jovens adolescentes ingleses de classe média-alta, que estudam em colégios particulares, com núcleos familiares tradicionais (mãe, pai e irmãos, em sua maioria) e estáveis emocionalmente, e com certos privilégios financeiros. O ponto principal da narrativa de *Heartstopper* (2022) é o desenvolvimento pessoal dos personagens acerca de sua identidade: quem são agora e o que pretendem ser no futuro. Aborda-se a sexualidade, a expressão de gênero, o *bullying*, a LGBTfobia, as questões familiares, os dilemas amorosos, os conflitos em amizades e diversos tipos de relacionamento durante a série – além de demais temas mais complexos que escalonam ao longo das temporadas, mas que são somente introduzidos e/ou mencionados na primeira, como problemas na escola, distúrbios alimentares, depressão, ansiedade e automutilação. Apesar de serem temáticas essencialmente juvenis, que permeiam a adolescência em um ou outro momento, há uma parcela do público que não vai se identificar plenamente com os personagens ou com todas as suas problemáticas, uma vez que podem ter outras “prioridades” ou “problemas maiores” do que os apresentados na série – como foi o caso dos estudantes do terceiro ano do ensino médio com quem conversei para este trabalho.

Desse modo, quando falo de *Euphoria* (2019), também falo de uma realidade específica sendo representada em uma mídia televisiva: a de jovens adolescentes estadunidenses de classe média (porém, alguns com condições financeiras melhores do que outros), que estudam em colégio público, com núcleos familiares instáveis emocionalmente (ainda que tradicionais, com mãe, pai e irmãos em grande parte) e com poucos privilégios financeiros de fato, mesmo que exista uma

linearidade no estilo de vida desses adolescentes. O principal ponto trabalhado em *Euphoria* (2019) consiste no desenvolvimento pessoal das personagens, mas, também, na aberta exposição de suas falhas: o vício em drogas, o uso do álcool, a agressividade, a personalidade tóxica, a hipersexualização do próprio corpo e como tudo isto, de maneiras distintas, atua enquanto ferramenta de escape da própria realidade dessas personagens. Ao longo dos episódios, aborda-se depressão, ansiedade, pressão estética, relacionamentos abusivos, gravidez na adolescência, aborto, violência, pornografia infantil, transfobia, sexualidade, problemas familiares e diversos outros temas que permeiam a juventude, mas que são mais bem aprofundados nas próximas temporadas – como o tráfico de drogas e o processo de reabilitação. Assim, mesmo que as temáticas atravessem a adolescência, em maior ou menor intensidade, e que sua execução seja muito distinta de *Heartstopper* (2022) (entendida, também, como uma série mais realista), *Euphoria* (2019) continua sendo uma obra que não representa a todas as juventudes, visto que há uma parcela que não vai se identificar com as personagens nem com as temáticas abordadas, pois suas próprias vivências são muito diferentes das apresentadas – tal como foi mencionado pelos estudantes durante a roda de conversa, de forma similar à *Heartstopper* (2022).

Nesse sentido, compreende-se o porquê de *Segunda Chamada* (2019) ter aparecido enquanto uma terceira opção de análise, que me exigiu uma observação mais atenta: ainda que conversem com a juventude, há produções audiovisuais muito mais representativas do que *Heartstopper* (2022) e *Euphoria* (2019), pois sua narrativa está focalizada em questões mais locais ao público que a assiste – como é o caso de *Segunda Chamada* (2019), que apresenta personagens estudantes do EJA durante o horário noturno de uma escola estadual no Brasil. Partindo desse ponto, torna-se clara a questão da representatividade juvenil na televisão e/ou no *streaming*: em suma, para esses estudantes, a adolescência gira, principalmente, em torno da escola, da família e do trabalho, e é dentre esses três eixos (e das relações sociais que deles surgem) que o sujeito adolescente define a sua própria identidade; portanto, é impossível pensar em uma ideia de adolescência que não envolva, ao menos, um desses eixos enquanto ponto principal e, por isso, torna-se imprescindível representar a juventude a partir da abordagem da relação do sujeito adolescente com sua família, seu ambiente escolar e seu trabalho – ou, caso não o tenha, sua perspectiva de trabalho. Sendo assim, ainda que *Segunda Chamada* (2019-2021) não trabalhe temáticas essencialmente adolescentes (como *Heartstopper* e *Euphoria* o fazem), os personagens se tornam representativos para o público juvenil da série por abordar questões que estes vivenciam no dia a dia e não são comumente trabalhadas em produções estadunidenses e europeias, como trabalho, escola, afazeres domésticos, cuidados familiares, gravidez na adolescência e o próprio desenvolvimento do sujeito no meio dessas experiências.

Sendo assim, a roda de conversa com a turma de terceiro ano do ensino médio da E. E. Uberlândia se tornou, para a minha surpresa pessoal, a grande essência desta pesquisa. Entender o período da adolescência através dos relatos de adolescentes, de suas perspectivas acerca da realidade, foi o que orientou todo o meu trabalho a compreender de qual maneira a juventude retratada em filmes, novelas e seriados (com destaque para aqueles que me propus a analisar) se distinguia da juventude experienciada agora, na atualidade – em especial aqui no Brasil, que carrega uma estrutura social diferente dos países do norte global. Se, antes, no começo da pesquisa, eu já tinha a hipótese de que a adolescência mostrada em produções estrangeiras divergia consideravelmente da adolescência vivida no Brasil, eu tive plena certeza dessas divergências após a conversa com os estudantes – para além disso, eu considerei pontos que ainda não tinha sequer refletido sobre, conforme expus nas páginas anteriores.

Por fim, concluo que *Heartstopper* (2022) e *Euphoria* (2019) são produções que se propõem a representar a adolescência de forma mais verdadeira: com personagens de aparência juvenil e com ar de descoberta da própria identidade, cheios de problemas, embates e questionamentos sobre o mundo em que se encontram; com discussões sinceras acerca de sexualidade, de homofobia, de transfobia, de violência, de acolhimento, de amizade, de vícios, de relacionamentos românticos e de transtornos mentais. Enfim, da forma como essa fase é vista e sentida pela maioria dos sujeitos. Para além, colocar elencos tão diversos para interpretar os personagens principais, em ambas as séries, foi uma maneira de aumentar o nível de representatividade, mostrando que não se trata de uma massa única de pessoas, mas um conjunto diverso, variado e autêntico de sujeitos detentores de muita autonomia. A própria ideia de colocar, respectivamente, um jovem gay que foi “tirado do armário” na escola e uma jovem negra viciada em heroína enquanto protagonistas de uma história demonstra que a chave dessas produções é abordar juventudes que já não são muito retratadas na grande mídia e que, por consequência, acabaram se tornando pautas principais de produções cinematográficas e televisivas muito nichadas a públicos específicos, e elevá-las ao olhar da crítica popular, do consumo generalizado.

Contudo, é essencial reiterar que, apesar do enorme sucesso e da grande aderência do público adolescente e jovem adulto, a juventude é infinitamente mais ampla do que *Heartstopper* (2022), *Euphoria* (2019) e qualquer outra obra audiovisual (*Segunda Chamada* [2019-2021] também, inclusive) se coloca a retratar, pois, mesmo com os pontos em comum dessa fase, cada contexto histórico, político, cultural e social molda um tipo de sujeito, com deveres, valores, princípios e problemáticas voltados para sua realidade específica, que pode variar desde trabalhar nas férias escolares para tirar a habilitação de motorista, até deixar de estudar para trabalhar e integrar o sustento da casa. Esses dois extremos fazem parte da imensa

gama de vivências comuns à idade: mesmo que não seja o ideal socialmente previsto, é impossível negá-los enquanto parte da juventude e das suas maneiras de ser experienciada.

Ademais, mesmo que minha intenção com este trabalho tenha sido explorar a fundo as questões principais acerca da representação adolescente em produções midiáticas destinadas, em específico, ao público adolescente e jovem adulto, reconheço plenamente que ainda há muito mais a discorrer acerca desse tema e que, portanto, estou muito distante de esgotar todas as minhas indagações, questionamentos e hipóteses sobre a maneira com que a juventude está dada na realidade atual – tanto no Brasil quanto mundo afora.

REFERÊNCIAS

- AGUILLERA, Giulia; FILHO, Ricardo Dias de Oliveira. “Heartstopper” aumenta busca pela representatividade LGBTQIA+ não-fetichizada. **AGMT PUC-SP**, 2022. Disponível em: <https://agmt.pucsp.br/noticias/heartstopper-aumenta-busca-pela-representatividade-lgbtqia-nao-fetichizada>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- BAPTISTA, Telmo Mourinho; NETO, David Dias (Orgs.). **Dicionário de Psicologia**. 1. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 151-161.
- BRASIL. **Lei nº 11.901, de 26 de janeiro de 2024**. Institui incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, aos estudantes matriculados no ensino médio público, e cria o Programa Pé-de-Meia. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d11901.htm. Acesso em: 13 set. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069compilado.htm. Acesso em: 5 set. 2025.
- CARNEIRO, Raquel. ‘Euphoria’, com Zendaya, é o retrato mais honesto das dores juvenis na TV. **Veja**, Cultura, São Paulo, 30 janeiro de 2022. Disponível em: https://veja.abril.com.br/cultura/tela-plana/euphoria-com-zendaya-e-o-retrato-mais-honesto-das-dores-juvenis-na-tv/#google_vignette. Acesso em: 12 set. 2025.
- DI PIERRO, Maria Clara. O que explica o enfraquecimento da EJA no Brasil ano após ano? Entrevista cedida a Ana Luísa D’Maschio. **Porvir**, São Paulo, 15 de abril 2025. Disponível em: <https://porvir.org/queda-matriculas-eja-censo-escolar/>. Acesso em: 27 fev. 2026.
- DURHAM, Meenakshi Gigi. **O Efeito Lolita**: A sexualização das adolescentes pela mídia, e o que podemos fazer diante disso. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- FAUSTINO, Felipe. Heartstopper | O afeto e amor real entre os LGBTQIA+ existe e contraria os conservadores. **Cromossomo nerd**, Séries e TV, Análises de séries, São Paulo, 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://cromossomonerd.com.br/heartstopper-o-afeto-e-amor-real-entre-os-lgbtqia-existe-e-contraria-os-conservadores/>. Acesso em: 12 set. 2025.
- FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; ITAÚ, EDUCAÇÃO E TRABALHO. **Educação de Jovens e Adultos**: Acesso, Conclusão e Impactos sobre Empregabilidade e Renda. Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/publicacao/relatorio-pesquisa-educacao-jovens-e-adultos>. Acesso em: 27 fev. 2026.
- HOPPE, Luciana Fraga; CASTAMAN, Ana Sara. Juventude(s) e mundo do trabalho: Uma reflexão. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, p. 1-22, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v10i00.20024>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/plurais/article/view/20024>. Acesso em: 13 set. 2025.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KISS (Temporada 1). **Heartstopper** [seriado]. Direção: Euros Lyn. Roteiro: Alice Oseman. Reino Unido: Netflix, 2022. 1 vídeo (27min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81059939?source=imdb&fromWatch=true>. Acesso em: 13 set. 2025.

LYSSA, Isabella. Euphoria: A sombria representação da adolescência. **Maloca digital**, HBO, Séries, Manaus, 5 de julho de 2019. Disponível em: <https://malocadigital.wordpress.com/2019/07/05/euphoria-a-sombria-representacao-da-adolescencia/>. Acesso em: 12 set. 2025.

MATOS, Rui. Euphoria: o regresso do lado sombrio de ser adolescente. **Vogue Portugal**, Lifestyle, Tendências, Lisboa, 14 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.vogue.pt/euphoria-o-regresso-do-lado-sombrio-de-ser-adolescente>. Acesso em: 12 set. 2025.

MENINAS malvadas. Direção: Mark Waters. Roteiro: Rosalind Wiseman; Tina Fey. Los Angeles: Paramount Pictures, 2004. 1 fita de vídeo (97min), VHS, DVD, son., color.

NUNES, Egberto Santana. Euphoria e o retrato de uma juventude autodestrutiva. **Persona – Jornalismo Cultural**, Televisão, Bauru, 6 ago. 2019. Disponível em: <https://personaunesp.com.br/euphoria-hbo-critica/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

OFORIA. Direção: Dafna Levin. Roteiro: Dafna Levin; Ron Leshem. Tel Aviv: Tedy Productions, 2012-2013. 16 vídeos [Televisivo] (832min).

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/71286>. Acesso em: 9 mar. 2026.

OSEMAN, Alice. Heartstopper. **Webtoon**, [online], 2016-2026. Disponível em: https://www.webtoons.com/en/canvas/heartstopper/list?title_no=329660&page=1. Acesso: 12 set. 2025.

OSEMAN, Alice. **Heartstopper**: dois garotos, um encontro. Trad. Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, 2021.

OSEMAN, Alice. **Rádio silêncio**. Trad. Carolina Caires Coelho. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2021.

OSEMAN, Alice. **Sem amor**. Trad. Laura Pohl. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2021.

OSEMAN, Alice. **Um ano solitário**. Trad. Carolina Caires Coelho. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2022.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PETERS, Jana; RENAUX, Pedro; PIRRHO, Sabrina. País tinha 1,650 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil em 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. **Agência IBGE Notícias**, PNAD Contínua, Estatísticas Sociais, Rio de Janeiro, 19 set. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44541-pais-tinha-1-650-milhao-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-trabalho-infantil-em-2024>. Acesso em: 1 mar. 2026.

RODRIGO, Thallys. Fofinha ou puritana? ‘Heartstopper’ acende debate sobre sexualidade LGBTQIAPN+ nas telas. **TAG Revista**, Recife, 11 de agosto de 2023. Disponível em:

<https://www.tagrevista.com/post/fofinha-ou-puritana-heartstopper-acende-debate-sobre-sexualidade-lgbtqiap-nas-telas>. Acesso em: 12 set. 2025.

SECRETARIA NACIONAL DOS DIREITOS DIGITAIS (Org.). **Classificação Indicativa:** Guia Prático de Audiovisual, Aplicativos e RPG. 5ª ed. Brasília: Secretaria Nacional dos Direitos Digitais, 2025.

SEGUNDA chamada. Direção: João Gomes *et al.* Roteiro: Jô Bilac *et al.* Produção: Central Globo de Produção; O2 Filmes. Rio de Janeiro: Globoplay, 2019-2021. 2 temporadas [online] (765min).

SUAREZ, Jaqueline. Pesquisa inédita mostra que concluir a EJA aumenta a formalização no trabalho e melhora a renda dos jovens. **Fundação Roberto Marinho**, set. 2025. Disponível em: <https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/pesquisa-inedita-mostra-que-concluir-eja-aumenta-formalizacao-no>. Acesso em: 27 fev. 2026.

TENENTE, Luiza; SANTOS, Emily. Em um ano, Brasil tem queda de 1 milhão de matrículas nas escolas, diz Censo; ensino médio registra menor número de alunos do século. **G1**, Educação, São Paulo, 26 de fevereiro de 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2026/02/26/em-um-ano-brasil-tem-queda-de-1-milhao-de-matriculas-nas-escolas-diz-censo-ensino-medio-registra-menor-numero-de-alunos-do-seculo.ghtml>. Acesso em: 30 fev. 2026.

THE NEXT EPISODE (Temporada 1). **Euphoria** [seriado]. Direção: Pipa Bianco. Roteiro: Sam Levinson, Ron Leshem e Daphna Levin. Pomona: A24; HBO, 2019. 1 vídeo (50min.). Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt/shows/euphoria/s1/4ffd33c9-e0d6-4cd6-bd13-34c266c79be0/e6-o-proximo-episodio/040f5569-13bf-4505-b277-51afea6944b1>. Acesso em: 11 ago. 2025.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Anuário Brasileiro da Educação Brasileira 2025. **Anuário**. Disponível em: https://anuario.todospelaeducacao.org.br/2025/?gad_source=1&gad_campaignid=23230991715&gbraid=0AAAAADoDyPQuFkwLrf_HnefzUOeVc8rRk&gclid=CjwKCAjw9NjRBhATEiwA_p2J8TNZcN_LJuyK1DmaXzgxF7OHUE1RuWtqGRXGv9y4R5-tDoijRvhDk7RoCTmMQAvD_BwE. Acesso em: 12 set. 2025.